



**de Gildo Henrique**

Adaptação do livro *"The Outsiders"*,  
de Susan E. Hinton

## MARGINAIS

Tendo como pano de fundo a construção de Brasília, no início do período militar, na segunda metade da década de 1960, quando a Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) ainda recrutava mão de obra de todas as partes do Brasil, principalmente do Nordeste e de São Paulo, todos envolvidos em trabalhos pioneiros em todos os setores de serviços. Uma época em que operários se amontoavam em galpões ou em vilas improvisadas, enquanto funcionários dos três poderes, banqueiros e ricos comerciantes se instalavam em bairros onde a qualidade de vida era um contraste com a miséria periférica.

Assim era formado o que hoje conhecemos como Núcleo Bandeirante, antes chamada de Cidade Livre, porque não eram necessários projetos para as casas e a aglomeração era favorecida com a isenção de impostos, mas não se davam títulos de propriedade. Logo o lugar ficou marcado como um centro de marginais, com brigas de rua frequentes.

Enquanto isso, a juventude da classe média e rica se divertia em clubes considerados “Classe A” e viviam em confortáveis apartamentos ou mansões próximas ao Lago Paranoá. Mas esses “filhinhos de papai” provocavam os pobres que chegavam à nova capital em busca de concretizar velhos sonhos. Este é o tema desta peça.

Os livres são os moradores da Cidade Livre e os sulistas são os da Asa Sul. Os três irmãos órfãos da história são candangos vindos da periferia de São Paulo, enquanto outros personagens do grupo são oriundos de outras regiões do país.

O produtor e o diretor do espetáculo deverão observar a coerência histórica com relação ao guarda-roupa, objetos cênicos, música e o sotaque dos personagens, a fim de maior aproximação com a realidade da época.

O autor.

## Cenário

A divisão do palco deverá demarcar diferentes espaços onde se desenvolvem as cenas, ora utilizando-se de recursos de iluminação, de imagens e de vídeos, ora valendo-se de móveis e objetos cênicos. Oito áreas principais são destacadas.

**O terreno baldio** – Utilizado em diversas cenas, deverá ser a área externa de quase toda a trama, isto é, quando os personagens não estiverem em recintos fechados, estarão neste local que simbolizará áreas de lutas, de caminhadas e de diálogos intimistas. Deve ser localizado no centro do palco, procênio e, por extensão, a plateia.

**A casa dos órfãos** – Como uma dos espaços mais utilizados, deverá estar na esquerda baixa, no prolongamento do cortiço de Samuca Batista. A fim de se utilizar o mínimo necessário para as diferentes cenas, o cenógrafo deverá dar ênfase à sala, onde deverá ter pelo menos um sofá-cama e algumas cadeiras, uma mesa de canto que se converterá em mesa de jogos e também de refeição. A continuação da casa deverá ficar fora do palco, com entrada para os bastidores.

**O cinema** – O centro do palco se converterá no cinema, a ser usado uma única vez na trama. Os atores deverão entrar em cena de posse de cadeiras de armar, que deverão ser conduzidas para fora do palco ao final. Na montagem, deixar quatro cadeiras formando a fileira da frente e três formando a de trás. Os atores estarão de frente para a plateia e um foco da máquina de projeção sairá do fundo do palco à meia altura, sobre um suporte a ser fixado pelo mesmo ator que interpreta o homem do incêndio, disfarçado com macacão e boné. Ao final, retira todo o conjunto.

**A lanchonete** - Será usada algumas vezes na trama. Deverá ficar na direita baixa, sem nenhum móvel ou objeto. Mãos anônimas dos bastidores entregarão as mercadorias aos personagens.

**O cortiço de Samuca Batista** – Local onde é montado plano de fuga dos personagens envolvidos no assassinato. Uma boa solução seria montá-la no fundo do palco à esquerda, no mesmo plano que servirá de fundos da igreja, com cadeiras, porta-chapéus e roupas espalhadas, já que a cena ocorre durante uma festinha íntima. Uma porta em diagonal deverá ser montada para saídas e entradas ao interior. Móveis e objetos deverão ser retirados ao final.

**A igreja** – Um slide deverá substituir esta parte do cenário: uma rosácea em vitrô, no alto, acesa por trás, e uma enorme cruz negra serão as únicas referências a uma igreja. Localizada na metade direita do fundo do palco, que deverá ser branco (para algumas projeções). O cenógrafo deverá se preocupar em montar dispositivos móveis, como uma mesa, livros e cobertor, a serem retirados, após as cenas que se passam ali.

**Os fundos da igreja** – Importante no contexto, não só para explicar o lirismo contido no personagem principal, mas, também, para a bela composição música-slide-poema exclusivamente para a cena “dourada”. O cenógrafo deverá localizá-lo ao lado esquerdo da igreja, em plano mais elevado. Mesmo lugar do cortiço de Samuca Batista.

**O hospital** – Segundo espaço mais utilizado, principalmente para as cenas finais, deverá ser composto de sala de espera e quarto, na direita alta, com espaço suficiente para a movimentação de macas. Uma mesa pequena para a enfermeira, um banco e duas cadeiras são suficientes.

## Personagens

**Os livres**  
Jimmy  
Pepe  
Dalíber  
Cabelo  
Naldinho  
Bacana  
Boca Rica  
Raimundo Paraíba  
Samuca Batista

**Os sulistas**  
Bob  
Rafa  
Glória  
Márcia  
Gio  
Agá  
Galo  
Betinho  
Valzinho  
Leopoldo  
Arthur  
Mauro

**Outros**  
Enfermeira  
Seu Sebastião

## 1º Ato

(No fundo do palco é projetado um vídeo em preto e branco, emoldurado por uma tv da década de 1960, onde um apresentador lê o noticiário da Tv Alvorada, à frente de fotos e vídeos.)

“ Com os portões abertos, foi inaugurado o Estádio Nacional de Brasília (**foto**), ocasião em que a Seleção do Distrito Federal (**foto**) recebeu o time do Siderúrgica, de Minas Gerais (**foto**), para um amistoso, com vitória do time mineiro por 3 x 1. Construído pela Construtora Rabello S.A., o primeiro estádio oficial da nova capital (**foto**) é mais um avançado passo para o progresso e desenvolvimento do futebol do Distrito Federal.

- Decreto do Presidente Castelo Branco (**foto**) aprovou o Regulamento Geral da Polícia do Distrito Federal, que dispõe sobre a prevenção contra a prática dos vícios e dos crimes e contra os acidentes e as congestões de tráfego. (**foto**) O Decreto, que também foi assinado pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, estabelece a competência (**foto**) para a realização da polícia preventiva e a judiciária.

- Criada desde 1956, com objetivo de construir a nova capital, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, chamada de Novacap, continua recebendo mão de obra de todas as regiões do país, para a continuação das obras projetadas por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. (**Vídeo com a chegada de novos candangos**). Continuam também chegando os funcionários dos três poderes, ricos banqueiros e grandes comerciantes, que estão fixando residências a partir da Asa Sul e próximas ao Lago Paranoá. (**Vídeo com apartamentos da classe média.**)

- Os ônibus e paus-de-arara chegam a todo momento a Brasília, trazendo novos candangos, palavra que significa “ordinário” e “ruim” no dialeto quimbundo. (**Foto de trabalhadores nas obras.**)

- Esses candangos estão se aglomerando numa terra de ninguém: o Núcleo Bandeirante, apelidado de Cidade Livre, uma vez que não são exigidos projetos para suas casas, e todos são livres de impostos. Centro de marginais, quase todos os dias são envolvidos em brigas de rua. (**Fotos do Núcleo Bandeirante e de lutas de rua.**)

- No dia de hoje, um candango que veio de um subúrbio paulista foi violentamente agredido por um grupo de rapazes da Asa Sul.”

(Vídeo desaparece. Luz na lateral direita da plateia. Ao iniciar-se a cena, Jimmy vem andando, distraidamente, da plateia, sobe pela direita e vai cruzando o palco em direção ao fundo, tudo ao som da música “Céu de Brasília”, de Toninho Horta e Fernando Brandt. Música vai desaparecendo antes dos versos finais. Luz no centro do palco. Surgem Agá, Galo, Betinho e Valzinho, que estavam escondidos nos bastidores em pontos diversos. Jimmy toma um susto, tenta correr, mas é agarrado por Agá. Os outros se aproximam.)

**Agá** – Ô, da Cidade Livre... A gente vai te fazer um favor, livre. Cortar todo esse teu cabelão seboso.

**Galo (puxando uma faca)** – Está precisando cortar o cabelo, livre?

**Jimmy** – Não. (**Tenta reagir e soltar-se dos braços de Agá**).

**Galo** – O que você acha de começar o corte de cabelo bem embaixo do queixo?

(**Galo passa a faca pelo rosto de Jimmy. Valzinho tomba Jimmy pelas pernas e pelos braços. Betinho senta-se no peito dele com o joelho nos ombros. e lhe dá uns murros.**)

**Jimmy (gritando)** – Pepe, Dedê...!

**Valzinho** – Façam ele calar a matraca, façam ele calar a boca! (**Tapam-lhe a boca. Jimmy morde a mão.**) Merda! (**Outro soco em Jimmy. Enfiam um lenço dentro da boca dele. Nesse momento o ator espalha um pouco de tinta vermelha no rosto de Jimmy. Em seguida olha em volta, assustado**). Merda! É fria! Vem bronca aí!

(**Saem todos correndo para os bastidores. Chegam Dalíber, Pepe, Cabelo, Bacana, Boca Rica e Naldinho. Todos correndo, vindo da plateia. Enquanto os demais correm para os bastidores, Dalíber e Pepe vão acudir Jimmy.**)

**Dalíber** – Você está bem, Jimmy?

**Jimmy** – Estou bem. Pare de me sacudir, Dedê, estou bem.

**Dalíber** – Desculpe. Eles te machucaram muito, né?

**Jimmy** – Estou bem.

**Pepe** – Você levou uns cortezinhos, né, Jimmy?

**Jimmy** – Levei?

**Pepe** – Você está sangrando como um porco.

**Jimmy** – Estou?

**Pepe** – Putz grila! Eles te passaram uma navalha.

**Jimmy (passando a mão no rosto)** – É, passaram.

**Pepe** – Calma, campeão. Eles não vão mais te machucar.

**Jimmy** – Eu sei. Estou só meio pirado, só isso.

**Pepe** – Você é gente fina, Jimmy.

**Jimmy** – Você é biruta, Pepsi-Cola, você é mó trouxa.

**Dalíber** – Vocês dois são pirados. Eita, preula! Parece que é coisa de família.

(**Voltam Bacana, Naldinho, Boca Rica e Cabelo.**)

**Jimmy** – Vocês pegaram eles?

**Bacana** – Nada, meu! Dessa vez escaparam, aqueles desgraçados. Ôrra, meu...Filhos da puta! Veados! Filhinhos de papai! Patifes! Manés... Quebro a cara deles! Tudo maricas...! O garoto está bem?

**Jimmy** – Estou. (**Mudando de assunto.**) Não sabia que você tinha saída da cana, Cabelo.

**Cabelo** – Bom comportamento. Saí antes.

**Bacana** – Belo machucado esse que você arranjou, cara.

**Jimmy** – É mesmo?

**Bacana** – Belo talho, também. Você fica com um ar durão.

**Boca Rica** – O que é que você estava fazendo, dando rolê sozinho por aí?

**Jimmy** – Eu estava voltando do cinema para casa. Eu pensei que...

**Dalíber (explodindo)** – Você nunca pensa em coisa nenhuma na hora que precisa, nem em casa nem em lugar nenhum. Acho que na escola você pensa, com todas aquelas boas notas que traz para casa, anda sempre enfiado em algum livro, mas será que alguma vez você usa a cabeça para alguma coisa que preste? Não senhor, né? E já que tinha que andar sozinho por aí, devia ter carregado um canivete.

**Pepe** – Deixe meu irmão caçula em paz, ouviu? Ele não tem culpa de gostar de ir ao cinema. Também não é culpa dele se os sulistas gostam de nos acertar. Se tivesse carregado um canivete, teria uma boa desculpa pra cortá-lo inteirinho.

**Dalíber** – Quando eu quiser que meu irmão mais novo me diga o que tenho que fazer com meu outro irmão mais novo te pergunto, viu, irmão mais novo?

**Bacana** – Da próxima vez, chame um de nós para ir com você, Jimmy. Ninguém vai dizer não.

**Cabelo** – Falando em cinema, amanhã de noite vou dar um pulo lá no Cinema do Sudoeste. Alguém está a fim de ir junto e ver se pinta algum lance bom?

**Boca Rica** – Eu e Pepe vamos ao jogo com a Patrícia e Bia.

**Dalíber** – Amanhã de noite estou trabalhando.

**Cabelo** – E você? Bacana? Naldinho, você e Jimmy não querem ir?

**Jimmy** – Eu e Naldinho vamos. Tudo bem, Dedê?

**Dalíber** – Tudo bem, desde que não seja noite de aula. (**Sai para os bastidores do lado em que está a casa dos órfãos, juntamente com Pepe e Jimmy.**)

**Bacana** – Eu estava pensando em tomar um porre amanhã à noite. Se resolver não tomar, vou até lá e encontro vocês.

(**Black-out. Música. Na casa dos órfãos, Pepe está deitado num sofá e Jimmy, no chão, cobrindo-se com um cobertor.**)

**Pepe** – Apague essa luz. Vamos dormir. Tá com frio, Jimmy?

**Jimmy (Vai até a parede e aciona um interruptor. Luz na cena diminui.)** – Um pouquinho.

**Pepe** – Olha aqui, garoto, quando Dedê fica te dando bronca... não está querendo nada. Só que tem mais coisas para se preocupar do que um cara da idade dele devia ter. Não é para levar a sério... Sacou, Jimmy? Não deixe ele pegar no seu pé. Na verdade ele está é orgulhoso, porque você é tão inteligente. É só porque você é o caçula. Quer dizer, ele te ama pra burro. Sacou?

**Jimmy** – Claro... Pepsi-Cola...

**Pepe** – Que?

**Jimmy** – Como é que você foi sair da escola?

**Pepe** – É que sou burro. De todo jeito, eu só tinha sido aprovado em educação física.

**Jimmy** – Você não é burro.

**Pepe** – Sou sim. Saca essa... Vou te contar uma coisa. Mas não conta para o Dedê.

**Jimmy** – Está bem.

**Pepe** – Acho que vou casar com a Bia. Depois que ela sair da escola, quando eu arrumar um serviço melhor e tudo... Talvez eu espere até você sair da escola. Assim ainda dá para eu dar uma força a Dedê com as contas, e esse lance todo.

**Jimmy** – Acho da hora. Mas espere até eu terminar o curso, assim você segura um pouco o Dedê, não deixa ele ficar fundindo minha cuca.

**Pepe** – Não seja assim, mano. Eu já disse que metade do que ele diz não é pra valer...

**Jimmy** – Você está apaixonado pela Bia? Como é isso?

**Pepe** – Hummmm... É muito louco, mano.

**(Blak-out. Música. Os atores que participam da cena do cinema entram com cadeiras de armar e montam duas fileiras: quatro cadeiras na frente e três atrás, todas de frente para a plateia. Sentam-se. Na fileira da frente, Glória e Márcia ocupam as cadeiras centrais. Atrás, Jimmy, Naldinho e Cabelo. O projetor deverá se posicionar no fundo do palco com o feixe de luz na direção da plateia. Logo no início dos diálogos, percebe-se um clima de deboche por parte de Cabelo.)**

**Cabelo** – E esses dois brotos aí da frente? Será que a gatinha é uma loura de farmácia? Será que aguenta um pão como eu? **(Fala ouvido de Glória.)** Quer passear com o titio aqui? Quero te mostrar umas coisas...

**Glória** – Para com isso!

**Cabelo** – Gatinha, sei que você parou na minha. Sou uma brasa, mora...

**Glória** – Eu faço um escândalo aqui...

**Cabelo (colocando os pés ao lado do assento de Glória e falando para Jimmy)** – Essa daí deve ser bem escolada, ela precisa te ensinar umas safadezas...

**Glória** – Tira os pés do meu assento e cala a boca!

**Cabelo** – Quem é que vai me obrigar a tirar os pés?

**Márcia (no ouvido de Glória)** – Esse aí é aquele da Cidade Livre que trapaceia nas festas do laço. Um ladrãozinho, um bandido que vive sempre em cana.

**Cabelo** – Conheço vocês duas. Já vi vocês nos rodeios.

**Glória** – É uma pena que você não saiba montar búfalos tão bem quanto sabe falar besteira...

**Cabelo** – Vocês duas fazem salto, não é?

**Glória** – É melhor deixar a gente em paz, senão vou chamar o lanterninha.

**Cabelo** – Ai, que medo! Orra, meu.. isso pra mim tá embaçado pra caramba! Você tinha que se ligar na minha ficha uma hora dessas, boneca. Adivinhe por que eu fui em cana...

**Glória** – Por favor, deixa a gente em paz. Por que não fica bonzinho e não deixa a gente em paz?

**Cabelo** – Nunca sou bonzinho... Quer uma Coca?

**Glória** – Eu não tomaria nem se tivesse morrendo de sede no deserto. Vaza daqui, cara! **(Cabelo e Naldinho saem, vão até a lanchonete e saem pelos bastidores. Glória vira-se para Jimmy.)** – Você também vai dar uma de goiabão?

**Jimmy** – Não.

**Glória** – Você parece não ser o tipo, mesmo. Como é seu nome?

**Jimmy** – Jimmy Olsen Silva.

**Glória** – Esse nome é superoriginal, da gema.

**Jimmy** – Meu pai era um cara original. Tenho um irmão que se chama Pepe Nicola Silva, e outro que se chama Daliber Dackson Silva. Está assim na certidão de nascimento dos manos.

**Glória** – Meu nome é Glória Pamplona Matarazzo, só que me chamam de Gogoia por causa daquela frutinha vermelha intragável. **(Ri.)**

**Jimmy** – Eu sei. Você é chefe de torcida. Eu já vi você no parque. Vi quando o time do seu colégio estava nas competições. Sabe, eu gostaria de estudar na mesma escola que você. Meus professores me pularam de série. Eles acham que sou sabido demais. Mas, não temos grana pra escola particular.

**Glória** – O que é que um broto legal e inteligente como você está fazendo andando por aí com um aderbal daqueles?

**Jimmy** – Sou do Núcleo Bandeirante, da Cidade Livre. Sou um livre, como Cabelo. Ele é meu chapa.

**Glória** – Desculpe, Jimmy. Seu irmão Pepe trabalhou num posto de gasolina, num posto “Esso” acho...?

**Jimmy** – Trabalha ainda.

**Glória** – Cara, seu irmão é mó pão. Bem que eu podia ter adivinhado que vocês são irmãos. São iguaizinhos...

**Márcia** – Vem cá, seu irmão só fica no posto? Por que não estuda? Ele já tem mais que 16 ou 17 anos, não tem?

**Pepe** – Ele parou de estudar

(**Naldinho e Cabelo retornam dos bastidores, pelo mesmo lugar que saíram. Trazem Cocas.**)

**Naldinho** – Oi...

**Cabelo (oferecendo uma Coca para cada uma das moças)** – Quem sabe isto te acalma.

**Glória (jogando a Coca na cara dele)** – Talvez isto te acalme, livre. Depois que você lavar a boca e aprender a falar e agir com educação, pode ser que eu também me acalme.

**Cabelo** – Orgulhosa, hein? Tudo bem. É assim que eu gosto de mulher. (**Começa a passar o braço em volta dela.**)

**Naldinho** – Deixa garota em paz, Cabelo.

**Cabelo** – O que?

**Naldinho** – Você ouviu muito bem. Deixa ela em paz. (**Cabelo sai resmungando para os bastidores.**)

**Glória** – Obrigada. Eu estava morta de medo.

**Naldinho** – Pode ter certeza de que não deu para notar. Ninguém fala com Cabelo daquele jeito.

**Glória** – Pelo que vi, você fala. Venham sentar aqui com a gente. Vocês nos protegem.

**Jimmy** – Tudo bem. A gente não está fazendo nada mesmo. (**Passam para as extremidades da fileira da frente.**)

**Márcia** – Quantos anos você tem?

**Jimmy** – Catorze.

**Naldinho** – Dezesesseis.

**Márcia** – Gozado, achei que vocês dois tivessem...

**Glória** – Dezesesseis!

**Jimmy** – Por que é que vocês não ficam com medo de nós, como ficaram do Cabelo?

**Glória** – Vocês dois são muito doces, não assustam ninguém. Em primeiro lugar, não ficam falando besteira como esse tal de Cabelo, depois fizeram nos deixar em paz. O Cabelo... ele tem jeito de ser superduro, vocês não têm cara de maus.

**Jimmy (satirizando)** – Claro, somos tão jovens e inocentes.

**Glória** – Não, não inocentes. Vocês já viram muita coisa para serem inocentes. Só que não são... sujos.

**Naldinho** – Cabelo é legal. Ele é durão, mas é mano.

**Jimmy** – Se ele conhecesse vocês, não ia ficar de papo torto.

**Márcia** – Bom... Acho ótimo que ele não nos conheça.

**Glória** – Eu tenho certa admiração por ele.

**Naldinho** – Vocês estão sozinhas?

**Glória** – Viemos com nossos namorados, mas demos o fora quando descobrimos que eles chaparam o coco. Aí eles ficaram mordidos e saíram de vereda. Nem me incomodo que eles tenham vazado. Não acho a menor graça em sentar num cinema e ficar olhando as pessoas se embebedarem.

(**Bacana chega por trás e dá um susto em Naldinho.**)

**Bacana (imitando um sulista)** – Olha aqui, livres, já deu.

**Jimmy** – Parabéns, Bacana! Qual é a sua de nos assustar desse jeito?

**Naldinho** – Oi, Bacana.

**Bacana** – Desculpa, cara, esqueci do que fizeram com você e da sua nóia. (**Vira-se para as moças.**) Quem são essas? Tias-avós de vocês?

**Glória** – Bisavós, duas gerações de distância.

**Bacana (para Márcia)** – Nossa, você deve ter uns 96 anos...

**Márcia** – Sou um mistério.

**Bacana** – Gatinha, você é tiro e queda. Aonde é que vocês imaginavam que iam chegar caindo na lábria de dois malandros livres como Jimmy Olsen e Ronaldo Mascote?

**Márcia** – Nós é que jogamos a prosa neles. A verdade é que somos comerciantes árabes de escravos e estamos pensando em sequestrar os dois. Cada um deles vale pelo menos dez camelos.

**Bacana** – Cinco. Eles não sabem falar árabe, acho que não sabem. (**Para Naldinho.**) Diz alguma coisa em árabe, Mascote!

**Naldinho** – Ôrra meu, corta essa! Cabelo estava pegando no pé delas e, quando ele se mandou, elas pediram pra gente sentar com elas para protegê-las. Provavelmente de livres vacilões como você.

**Bacana** – Vem cá, onde é que anda o Cabelo, aliás?

**Naldinho** – Saiu por aí para ver se encontra ação: bebida, gatas ou briga. Espero que não vá em cana de novo. Acabou de sair.

**Bacana** – Provavelmente briga ele vai encontrar. É por isso que vim até aqui. O senhor Raimundo Paraíba e companhia está procurando pela pessoa que teve a gentileza de cortar os pneus do carro dele, e como o senhor Ribamar Paraíba pegou o senhor José Francisco Cabelo fazendo a coisa... (**Cortando, rápido.**) Cabelo tem canivete?

**Jimmy** – Que eu saiba, não. Acho que ele tem um pedaço de cano, mas o canivete ele perdeu hoje de manhã.

**Bacana** – Ótimo. Se Cabelo não puxar um canivete para ele, Mundinho Paraíba vai lutar limpo. Acho que Cabelo não vai ter problema.

**Glória** – Vocês são contra jogo bruto e tudo o mais, não é?

**Bacana** – Uma luta limpa não é bruta. Mano a mano não é bruto. É a melhor coisa para liberar energias. Não tem nada de mais trocar uns soquinhos. Os sulistas são brutos. Eles caem de dez em cima de um ou dois, ou então atacam uns aos outros nos clubes sociais de vocês. Nós, livres, em geral ficamos unidos, mas quando sai briga entre a gente é briga limpa, entre dois caras. E Cabelo merece levar umas porradas, porque ele cortou o pneu do carro de Paraíba. Cabelo estava atrás de curtição. Pegaram ele. Tem que pagar. Não tem choro nem vela.

**Glória (satirizando)** – Isso, garoto. Supersimples.

**Márcia** – Claro. Se o matarem ou alguma coisa assim, é só enterrar. Não tem choro nem vela.

**Bacana** – Essa garota é papo firme. (**Acende um cigarro.**) Alguém está a fim de fumar?

**Glória** – Jimmy Olsen, você vai comigo comprar pipoca?

**Jimmy** – Só se for agora! E vocês, estão a fim?

**Márcia** – Eu quero.

**Bacana** – Eu também. (**Passa algum dinheiro para Jimmy.**) Traz pro Naldinho também. Eu banco.

(**Glória e Jimmy descem até o nível da plateia e desenvolvem o diálogo até subir a outra escada e chegar à lanchonete do outro lado do palco. Enquanto isso, os demais personagens ficam gesticulando em silêncio e apontando para uma tela invisível à sua frente. Bacana pede e anota o telefone de Márcia.**)

**Glória** – Pelo que entendi, o Naldinho... foi muito machucado algum dia, não é? Bateram muito e assustaram ele...

**Jimmy** – Foram os sulistas, gente sua. Foi há quase quatro meses. Alguém bateu nele pra valer. A gente já estava acostumado a ver Naldinho machucado, porque o pai dele estava sempre socando o cara. A gente ficava grilado com aquilo, mas o que é que ia fazer? Mas aquelas surras nem se comparam com a de agora. O rosto de Naldinho ficou todo cortado, machucado e inchado. Ele nunca foi de arrego. Era bom numa briga. Era leal com a turma e nunca abriu o bico para os tiras. Mas, depois da noite da

noite da surra, Naldinho ficou mais nervoso do que nunca. Agora anda com um canivete de quinze centímetros no bolso de trás da calça. Boto fé que ele usa aquela lâmina se for agredido de novo. Ele jurou que ninguém vai bater nele daquele jeito de novo. Nunca mais. Só se for por cima do seu cadáver.

**Glória** – Nem todos os sulistas são assim. Você tem que acreditar em mim, Jimmy Olsen. Nós não somos todos assim.

**Jimmy** – Acredito. (**Uma mão dos bastidores passa cinco sacos de pipoca pipocas a Jimmy, que passa dois pra Glória.**)

**Glória** – É a mesma coisa que dizer que todos os da Cidade Livre são como José Francisco Cabelo. Aposto que ele já acertou algumas pessoas. Aposto que você acha que os da Asa Sul estão com o burro na sombra: os garotos ricos, os bacanas da Asa Sul. Vou lhe dizer uma coisa, Jimmy, que acho que vai se surpreender. Nós temos problemas de que você nunca ouviu falar. Quer saber de uma coisa? As coisas são duras em toda parte, para todos.

**Jimmy** – Tô sabendo. (**Muda de assunto.**) É melhor a gente voltar com a pipoca, senão Bacana vai pensar que fugi com a grana dele.

**(Black-out. As cadeiras e o dispositivo de projeção são retirados rapidamente ao som de música. Agora estão no centro do palco. Luz.)**

**Bacana** – Querem que eu leve vocês duas em casa?

**Glória** – Vou bater um fio para papai vir buscar a gente.

**Bacana** – Não. Deixa a gente levar vocês. A gente não morde. Eu tenho um carango...

**(Todos se sentam no chão, exceto Jimmy e Glória. Bacana acende um cigarro. Jimmy e Glória vão à frente do palco, enquanto os demais fazem mímica de uma conversa.)**

**Jimmy** – No fundo acho que todos somos iguais. A única diferença é a grana.

**Glória (sentando-se no chão com Jimmy)** – Não. Não é só o dinheiro. Em parte é, mas não é só isso. Vocês, livres, têm um código de valores diferente. Vão mais pela emoção. Nós somos mais sofisticados, frios a ponto de não sentir nada. Para falar a verdade, não acho nenhuma graça em ficar tomando porre de cerveja na orla do Lago Paranoá, mas quando converso com uma amiga faço a maior onda sobre isso, só para ter alguma coisa para dizer. Estamos sempre indo, indo, sem nunca perguntar para onde. Você já ouviu falar em ter mais do que queria? Parece que a gente está sempre atrás de alguma coisa que nos satisfaça, sem nunca encontrar. Talvez encontrasse, se a gente conseguisse perder essa frieza.

**Jimmy** – É isso que nos separa. Não é a grana, é o sentimento. Vocês não sentem nada. Nós sentimos com muita força.

**Glória** – Você lê muito, não é, Jimmy Olsen?

**Jimmy** – Leio, por quê?

**Glória** – Sei lá, achei. Aposto que você também gosta de olhar o por do sol... Eu também costumava olhar, mas depois fiquei muito ocupada...

**Jimmy** – Talvez os dois mundos diferentes em que vivemos não sejam tão diferentes assim. Vemos o mesmo por do sol...

**Márcia (Fica de pé, fala para Glória e aponta.)** – Gogoia, olha só quem vem vindo ali.

**Naldinho (também se levantando)** – Droga...!

**Márcia** – Que é que nós vamos fazer?

**Glória (voltando para o centro do palco)** – Ficar aqui. Não há muito mais coisas pra se fazer.

**Bacana (ainda sentado, dando uma baforada)** – Quem são? O SNI?

**Glória** – São Rafa e Bob.

**Bacana (continua sentado, fumando)** – ...E mais alguns outros representantes do bando de otários, pertencentes à elite social de Brasília.

**Márcia** – Ufa! Já passaram... Por pouco. (**Todos voltam a sentar-se, exceto Glória e Jimmy, que retornam à frente do palco.**)

**Glória** – Me fale de seu irmão mais velho, Jimmy. Você quase não fala dele.

**Jimmy** – Que é que tem pra falar? Ele é alto, boa-pinta e gosta de jogar futebol.

**Glória** – Estou perguntando como ele é. Tenho a impressão de conhecer o Pepe Nicola, pelo jeito como você fala dele. Agora me fale do Daliber Dackson, o Dedê. É impetuoso e inquieto como Pepe? Sonhador como você?

**Jimmy** – Ele é... Bem... Ele não parece nem um pouco com Pepe, e pode ter certeza de que não é como eu. É duro como uma pedra e mais ou menos tão humano quanto uma pedra, também. Seus olhos são exatamente como gelo. Ele me acha um pé no saco. Ele gosta do Pepe... Aliás, todo mundo gosta do Pepe... mas não me suporta. Aposto que ele gostaria de poder me enfiar em algum internato. Aposto que faria isso, se Pepe deixasse.

**Bacana (ouvindo e interferindo no papo)** – Não. Não, Jimmy, não é verdade. Você não entendeu...

**Naldinho (também interferindo)** – Caramba... Pensei que você, Dedê e Pepe se dessem superbem...

**Jimmy** – Pois não é verdade... E pode ir fechando a matraca, Ronaldo Mascote, porque todos nós sabemos que ninguém quer você em casa, também. E você não pode se queixar...

**Bacana** – Cala a boca, pirralho. Se você não fosse irmão do Pepsi-Cola, eu te dava um cacete. Você não tem coisa melhor para fazer? Ficar falando essas coisas do nosso mascote! (**Para Naldinho.**) Ele falou sem pensar, Naldinho.

**Jimmy** – Deculpa. É que eu estava puto.

**Naldinho** – Mas é verdade. Não faz mal.

**Bacana** – Pare de falar assim. Ôrra, meu! A gente não ia conseguir viver sem você, por isso pode ir calando a boca.

**Jimmy** – Não é justo! Não é justo que a gente aguentar a barra toda! O pai do Naldinho é um bêbado, a mãe, uma porcalhona egoísta; a mãe do Bacana é garçõete para poder sustentar ele e a irmã pequena, depois que foram abandonados pelo pai; Cabelo, virando marginal para não morrer; Ernesto Boca Rica, com o ódio que tem do pai e a violência do seu temperamento... Pepe largou os estudos para poder trabalhar e pagar a escola pra mim; e Dedê, envelhecendo antes do tempo, lutando para chefiar uma família e trabalhar em dois empregos, sem nunca ter a menor distração.

**Bacana** – Para com isso, Jimmy Olsen!

**Jimmy** – É isso mesmo! Enquanto isso, os sulistas tem tempo livre e tanto dinheiro que ficam nos atacando só pra tirar sarro e enchendo o cu de cerveja em festinhas nas mansões do Lago porque não têm mais nada para fazer. As coisas estão difíceis pra todos, tudo bem... Pra todos na Cidade Livre. Isso não me parece direito.

**Bacana** – Tô ligado. Pra nós, todo lance é sempre sério. E é assim que as coisas são. Quem não gostar, pule fora.

(**Glória percebe a volta dos rapazes.**)

**Glória** – Bem... já nos viram.

(**Rafa e Bob chegam de repente pela plateia e ficam a certa distância, de braços cruzados.**)

**Bob** – Gogoia, Márcia, escutem... Só porque a gente ficou um pouquinho de porre da outra vez...

**Glória** – Um pouquinho? Você chama andar cambaleando e desmaiar na rua “um pouquinho”? Bob, eu já disse que nunca mais vou sair com você enquanto estiver bebendo e estou falando sério.

**Bob** – Mina, você sabe que a gente não se embebeda tantas vezes assim. E mesmo que vocês estejam com ódio da gente, não há razão para ficarem andando pelas ruas com esses bundões.

**Bacana** – Quem é que é bundão aqui?

**Bob** – Escutem, livres, tem mais quatro chapas nossos sentados no banco de trás daquele carro...

**Bacana (com deboche)** – Coitado do banco de trás.

**Rafa** – Se vocês estão querendo briga...

**Bacana** – Pra clarear o miolo... Você está querendo dizer que se estamos a fim de uma boa briga, já que vocês estão em maior número, nós é que vamos tomar, é isso? Bom... (**Quebra uma garrafa de Coca e dá a Jimmy. Puxa um canivete.**) – Mete bronca, otário!

**Glória** – Não! Parem com isso! Nós vamos para casa com vocês. Mas esperem um pouquinho.

**Bacana** – Por quê? Não estamos com medo deles.

**Glória** – Não suporto brigas... Não suporto...

**Jimmy** – (**Puxa Glória para um lado. Enquanto isso Bacana gira em torno dos sulistas, apontando e rindo de suas roupas.**) Eu não teria a manha de usar isto (**jogando fora a garrafa quebrada**). Nunca ia conseguir cortar alguém.

**Glória** – Eu sei, mas é melhor a gente ir com eles, Jimmy... olha... se eu encontrar você no parque ou em algum lugar e não te disser “oi”, bom... não é nada de pessoal nem nada, mas...

**Jimmy** – Eu sei. Não quer queimar seu filme...

**Glória** – Não daria para deixar os nossos pais verem a gente com vocês todos. Você é um garoto legal e tudo... mas...

**Jimmy** – Normal. Não somos da mesma classe. Só não se esqueça de que alguns de nós também olham o por do sol...

**Glória** – Eu podia me apaixonar por José Francisco Cabelo. Espero nunca mais encontrá-lo, senão me apaixono.

(**Saem todos os sulistas, pela plateia.**)

**Bacana** – Bom. Aquelas dois brotos “eram” bem bonitas. (**Rasga um papel que tira do bolso, pica-o e atira na plateia.**)

**Jimmy** – Que papel era aquele?

**Bacana** – O telefone da Márcia, aquela fubanga da peba. Imagino até que é falso. Eu devia estar biruta pra pedir a ela. Acho que ando meio goiabão. (**Mudando de assunto.**) Todo mundo vai pra casa?

**Jimmy** – Já, não. Eu queria fumar outro cigarro e olhar as estrelas. Eu tenho que estar em casa à meia-noite, mas acho que ainda tem muito tempo.

**Bacana** – Não sei por que te passei aquela garrafa quebrada. Você nunca usaria.

**Jimmy** – Talvez. Aonde você vai?

**Bacana** – Jogar um pouco de sinuca e ver se descubro um poquerzinho. Talvez encha a cara. Não sei. Amanhã a gente se vê.

(**Bacana sai. Luz baixa em resistência. Jimmy e Naldinho deitam-se no chão.**)

**Naldinho** – Fica assim não... Sobre a Glória... É porque somos livres... A gente podia deixar ela mal-falada.

**Jimmy** – É... Cara, aquele Mustang é chocante. Os mustangs são chocantes. Sulistas de primeira. Não é justo os sulistas terem tudo. A gente é tão bom quanto eles. Se somos livres, não é por nossa culpa.

**Naldinho (refletindo, olhando a esmo)** – Não vou aguentar mais. Me apago ou algo assim...

**Jimmy** – Não faça isso. Você não pode se matar, mascote.

**Naldinho** – Tá bom, não posso. Mas tenho que fazer algo. Deve haver algum lugar sem livres nem sulistas, só com gente. Gente comum.

**Jimmy** – ...Fora das cidades grandes. No sertão... Eu amo o sertão. Queria estar longe das cidades, da agitação. A única coisa que queria é ficar largado no chão, debaixo de uma árvore e ler um livro ou desenhar, sem ter que esquentar com ataques ou andar com navalha, ou acabar me casando com alguma mina sem nada na cabeça...

**Naldinho** – Deve ser muito bom isso...

**Jimmy** – Eu queria ter um cachorro vira-lata latidor. Pepe poderia participar de todos os rodeios que quisesse... Dedê ia parar de ter aquele olhar frio e duro e ser de novo como antes, há oito meses, antes de papai e mamãe morrerem naquele maldito acidente de trânsito... Minha mãe era dourada e linda... (**Música. Luz baixa ainda mais.**)

**Naldinho (sacudindo Jimmy)** – Ei, Jimmy, acorde!

**Jimmy** – Ôrra, meu, que horas são?

**Naldinho** – Não sei. Eu também dormi, ouvindo você matraquear sem parar. Melhor você ir pra casa. Acho que vou passar a noite aqui. Meus pais nem se importam se eu volto ou não pra casa...

**Jimmy** – Tudo bem. Se você ficar com frio ou alguma coisa, pinta lá em casa.

**Naldinho** – Joia. **(Permanece no mesmo local, cochilando. Black-out.)**

**(Jimmy chega à casa dos órfãos. Dalíber e Pepe estão sentados. Luz.)**

**Dalíber (explodindo)** – Onde é que você se meteu? Sabe que horas são? São duas da madrugada, pirralho! Se você demorasse mais uma hora, eu ia mandar a polícia atrás de você. Onde você andava, Jimmy Olsen Silva? Em que diabo de lugar você estava metido?

**Jimmy** – Eu... eu caí no sono no terreno baldio.

**Dalíber** – Você o que?

**Pepe** – Oi, Jimmy, onde você estava?

**Jimmy** – Não foi por querer. Estava conversando com Naldinho, e nós dois apagamos.

**Dalíber** – Suponho que não passou pela sua cabeça que seus irmãos podiam estar preocupados feitos dois tapados, com medo de chamar a polícia porque um lance desses pode fazer com que vocês dois sejam jogados em uma instituição com uma rapidez que ia te deixar tonto. Dormindo no terreno baldio? Jimmy Olsen, qual é o seu problema? Você é incapaz de usar a cabeça?

**Jimmy** – Já disse que não foi por querer...

**Dalíber** – “Não foi por querer! Não pensei! Esqueci!” É só isso que você diz uma pá de vezes? Não sabe pensar em nada?

**Pepe** – Dedê...

**Dalíber** – Fica na moral! Já estou enjoado e de saco cheio de ver você cair na dele.

**Jimmy** – Não grita com ele! **(Dalíber lhe dá um violento tapa e o derruba. Jimmy sai correndo para a plateia, chorando.)**

**Dalíber** – Jimmy, foi sem querer!

**(Black-out. Jimmy retorna para junto de Naldinho que, agora dorme sob jornais. Luz.)**

**Jimmy** – Naldinho! Vamos, Naldinho, vamos fugir! Vamos rasgar daqui!

**(Correm e descem para plateia. Naldinho leva os jornais e desaparece com eles no momento da correria. Sobem pelo outro lado. Depois, sentam-se à frente do palco.)**

**Naldinho** – Calma, Jimmy. A gente vai ficar numa boa.

**Jimmy** – Tem um cigarro aí? **(Pega um cigarro com Naldinho e acende.)** Naldinho, estou apavorado. **(Leva a mão aos olhos.)**

**Naldinho** – Não fique. Você está me deixando também. O que aconteceu? Nunca vi você chorar desse jeito!

**Jimmy** – É raro mesmo. Foi o Dedê... Ele me bateu. Não sei o que aconteceu, mas não pude aguentar ele gritando comigo e ainda me batendo. Não sei... às vezes a gente se dá bem, aí, de repente, ele gruda ou então fica o tempo todo enchendo o saco. Antes Dedê não era assim... a gente se dava bem... antes de mamãe e papai morrerem. Agora ele simplesmente não me topa.

**Naldinho** – Acho que prefiro quando o coroa bate em mim. Pelo menos nessa hora estou ligado que ele sabe quem eu sou. Ando por aquela casa, e ninguém me diz nada. Passo a noite fora, e ninguém nota. Pelo menos você tem o Pepe. Eu não tenho ninguém.

**Jimmy** – Que merda! Você tem a turma toda. Cabelo não te pegou hoje porque você é o queridinho, você é o tal. Quer dizer, pô, que merda, Naldinho, você tem a turma toda.

**Naldinho** – Não é a mesma coisa que ter as pessoas da sua própria família gostando de você. Simplesmente não é a mesma coisa.

**Jimmy** – Vamos caminhar até o parque, depois voltar. Aí talvez eu já tenha esfriado a cuca e resolva voltar para casa.

**Naldinho** – Tudo bem, tudo bem...

**Jimmy** – As coisas têm que melhorar. Pra piorar não dá. Será que estou enganado?

**(Percebem a aproximação de Bob, Rafa, Agá e Galo, vindo da plateia, ainda no fundo do teatro.)**

**Jimmy** – Ei... Peraí... O que eles querem? Este é o nosso território. O que os sulistas estão fazendo aqui dentro da Cidade Livre?

**Naldinho** – Não sei. Mas aposto que estão nos procurando. A gente pegou as minas deles.

**Jimmy** – Ai, merda, era só o que faltava para completar uma noite perfeita. Vamos vazar?

**Naldinho** – Tarde demais. Lá vêm eles.

**(Vão ao centro do palco. Cambio de luz. Os sulistas se aproximam. Bob, bêbado, com um copo de cerveja na mão. Os demais cercam Jimmy e Naldinho, por trás dele.)**

**Bob** – Olha, que é que vocês acham dessa? Olha aí os livres de merda que pegaram nossas minas. Alô, pobreza!

**Naldinho** – Aqui não é território de vocês. É melhor tomarem cuidado.

**Rafa** – Vão se foder!

**Bob** – Nada disso, carinha, vocês é que estão precisando tomar cuidado. Da próxima vez que quiserem uma gata, arranjem uma igual a vocês, suja. Você sabe o que é livre? Sujo, pobre e sem-teto. **(Arremessa um copo de cerveja no rosto de Jimmy.)**

**Jimmy** – Sabe o que é um sulista? Podre, cuzão e covarde. **(Cospe neles. Galo avança sobre Naldinho, que cai um pouco afastado, em primeiro plano.)**

**Bob** – Livre, você está precisando de um banho. De uma boa lavada. Não faz mal. A gente tem a noite toda para fazer isso. Dá um banho no garoto, Agá. Pega água naquela bica ali! **(Aponta para os bastidores.)**

**(Música de suspense. Jimmy começa a se debater, agarrado por Bob, Rafa e Galo. Agá sai para os bastidores e volta com um balde com água. Enfiam a cabeça de Jimmy no balde, que começa a se debater. Música aumenta. Naldinho, ainda deitado, puxa um canivete do bolso de trás, abre a lâmina e, gritando “covardes!”, dá uma estocada nas costas de Bob, que cai. Luz cambia para vermelho. Os demais sulistas, apavorados, saem correndo pela plateia, deixando Bob ainda tentando engatinhar, até cair paralisado. Jimmy todo molhado, se arrasta. Música termina. Black-out. O ator que interpreta Bob sai para os bastidores. Luz.)**

**Naldinho (sentado, tremendo)** – Matei ele. Matei aquele cara.

**Jimmy (também sentado, transtornado e tremendo)** – Naldinho, acho que vou vomitar.

**Naldinho** – Vomita. Eu não olho.

**Jimmy** – Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode... Você talhou mesmo o cara, Naldinho?

**Naldinho** – Talhei. Fui obrigado. Estavam te afogando, Jimmy. Podiam ter te apagado. E estavam com uma navalha. Iam me socar...

**Jimmy** – Como... como da outra vez?

**Naldinho** – É, como da outra vez. Eles correram quando passei a faca nele. Todos correram...

**Jimmy** – Naldinho, o que vamos fazer? Eles fodem a vida do cara quando se apaga alguém... Quero um cigarro! Quero um cigarro! Quero um cigarro!... Cagamba! A gente fumou o último maço... Estou na neura, Naldinho. O que é que vamos fazer?

**Naldinho (abraçando Jimmy)** – Calma, Jimmy. Se segura.

**Jimmy** – Tudo bem, já estou bem.

**Naldinho** – Temos de dar o fora daqui. Ir pra algum lugar. Fugir. Daqui a pouco a polícia chega. Vamos precisar de grana. Talvez de um berro. E de um plano...

**Jimmy** – Grana? Talvez um berro? Um plano... Onde, diabos, a gente vai achar essas coisas?

**Naldinho (pensa um pouco)** – Cabelo. Cabelo nos tira dessa.

**Jimmy** – Onde é que a gente vai cruzar com ele?

**Naldinho** – Acho que na casa de Samuca Batista. Tem um hi-fi lá, esta noite. Ouvi Cabelo falar alguma coisa sobre isso à tarde. Vamos!

**(Levantam-se. Black-out. Luz na antessala da Casa de Samuca Batista. Toalhas e roupas jogadas em duas cadeiras. Música local. Naldinho bate palmas, chamando. Jimmy está tremendo de frio. Música diminui.)**

**Naldinho** – Batista! Batista!

**Samuca Batista (aparecendo na porta)** – Que é que vocês querem? Soltem o verbo.

**Naldinho** – Cabelo! Precisamos trocar uma ideia com Cabelo.

**Samuca Batista** – Ele está ocupado.

**Jimmy** – Diz pra ele que são Jimmy e Naldinho. É urgente.

**Samuca (voltando pela porta)** – Peraí. Ele já vem.

**Cabelo (Alguns segundos depois, só de calças. Uma mão de mulher de peruca vermelha, acaricia o peito dele)** – E aí, caras, vocês estão precisando de mim para algum lance?

**Naldinho** – Vou ser rápido. Matei um cara deles e estamos fodidos.

**Cabelo** – Quissaca de cabelo você se meteu... Boa, mano!

**Naldinho** – A gente pensou que, se alguém era capaz de nos livrar a cara, esse alguém é você. Sinto muito estar tirando você da zoeira.

**Cabelo** – Vá à merda, garoto. Eu estava no quarto. **(Olhando para Jimmy)**. Cagamba! Nunca vi umas orelhas ficarem tão vermelhas assim, Jimmy Olsen. Não é nada disso que você está pensando, garoto. **(A mulher para de passar a mão nele e desaparece.)** Eu estava dormindo, ou melhor, tentando, com toda essa zona. Eu e Mundinho Paraíba acertamos umas contas, e acabei quebrando umas costelas. Estava precisando de um lugar para me encostar numa boa. O safado do Paraíba sabe acertar direitinho. Mas não vai conseguir enxergar nada com um dos olhos durante uma semana... Bom, esperem um pouquinho, vou ver o que dá pra fazer com essa sujeira toda. Jimmy, você está molhado?

**Jimmy (batendo os dentes)** – E-e-es-tou-u .

**Cabelo** – Deus do céu! Você vai morrer de pneumonia antes dos meganhas te pegarem. Sentem aí. **(Indicando as cadeiras.)** Puta que o pariu... Que merda, hein... Caralho... Tire essa camiseta **(joga uma toalha que pega nos bastidores, sem parar de falar)**. Se seca e espere aqui. **(Sai para os bastidores. Jimmy tira a camiseta, deixa em uma cadeira, e se cobre com a toalha.)**

**Naldinho** - Que vontade de fumar...

**(Cabelo volta com uma arma e entrega a Naldinho.)**

**Cabelo** – Aqui. O berro tá carregado. Pelo amor de Deus, Ronaldo Mascote, não aponta esse negócio pra mim. **(Dando o dinheiro para Jimmy)** Aqui tem 2.000 cruzeiros. É tudo o que consegui arrancar do Samuca Batista hoje. Ele está botando fora toda a grana que ganhou com aquela última corrida de cavalos... Jimmy, Dedê e Pepe estão sabendo disso?

**Jimmy** – Não.

**Cabelo** – Cara, pode crer que não tenho a mínima intenção de ser a pessoa que vai botar a boca no trombone pro Dedê e ter a cabeça estourada.

**Jimmy** – Então não abra a boca. Detesto deixar Pepe grilado, mas não estou nem aí se Dedê ficar de cabelo branco de tanto queimar a mufa...

**Cabelo (Sai e traz uma camisa bem grande, jogando para Jimmy)** – Aqui. É do Batista. Vocês dois não são exatamente do mesmo tamanho, mas, pelo menos está seca. (**Mudando de assunto**). Invadam a camionete de transportes de carga da Novacap que vai para Planaltina. Eles saem a cada meia hora. Quando passarem por Águas Emendadas, saltem e procurem por uma igreja abandonada no alto do morro. Nos fundos tem uma bomba, assim vocês não precisam esquentar com água. Compre comida para uma semana assim que chegarem lá, de manhã, antes que a história comece a circular. Então fiquem lá sem nem botar o nariz na porta. Vou assim que a área estiver limpa. (**Mudando de assunto.**) Cara, eu achava que São Paulo era o único lugar onde a gente podia se envolver em lance de assassinato!

**Naldinho** – Meu Deus... Tinha que lembrar...

**Cabelo** – Cola lá! Vazem! (**Despenteia o cabelo de Naldinho**) Te cuida, cara.

**Naldinho** – Claro, Cabelo. Obrigado. (**Cabelo entra pela porta.**)

**Jimmy** – Quer dizer que vamos para perto de Planaltina... Não sei para que ele nos deu isso (**apontando a arma**). Eu não teria coragem de sentar o dedo em ninguém.

**Cabelo (reaparecendo)** – Rasguem! Sumam!

(**Black-out.**)

## 2º Ato

(Música. Luz nas laterais da plateia. Jimmy e Naldinho aparecem correndo pela plateia. Vão até o fundo do teatro e retornam, ainda correndo pelo outro lado. Antes de subir a escada, perto da “lanchonete”, apontam para a igreja. Black-out total. Na igreja, o vitrô em rosácea se acende, ao mesmo tempo em que um foco vai abrindo em resistência e revela Naldinho e Jimmy acordando. Alguns livros velhos estão sobre uma mesinha. Jimmy está deitado nas pernas de Naldinho, sobre uma esteira. Um cobertor rasgado cobre os dois.)

**Naldinho** – Merda, Jimmy, você deve ter deixado minhas pernas dormentes. Não vou conseguir nem parar em pé. Mal consegui pular daquela camionete. Você dormiu em cima de mim... Ôrra, meu, eu nem dormi, preocupado para não passar do ponto de pular... E agora, de novo...

**Jimmy** – Desculpe. Por que não me acordou?

**Naldinho** – Tudo bem. Eu não queria acordar você antes que fosse preciso.

(Luz baixa em resistência até um Black-out. Música baixa. Luz. Naldinho não está em cena.)

**Jimmy (acordando)** – Naldinho! (procurando por ele) O que é isso? (Lendo uma frase escrita no chão). “Fui buscar comida. Volto logo. Ronaldo.”

(Jimmy pega um livro sobre a mesinha e começa a ler. Tão logo inicia, ouve um assobio-código, vindo dos bastidores. Jimmy olha em volta e responde ao assobio. Naldinho entra com um saco de compras. Música vai diminuindo até sumir.)

**Jimmy** – E aí, Naldinho? Que coisa... Sumiu, hein?! O que você tem aí?

**Naldinho (limpando a poeira da mesa com a jaqueta e retirando as compras)** – Rango para uma semana: salsichão, pão, chocolate, uma caixa de fósforos, sabonete, um livro...

**Jimmy (pegando o livro)** – Oba! *Vidas Secas*...! Como é que você sabia que eu sempre quis ler esse livro?

**Naldinho** – Lembrei que você tinha falado alguma coisa sobre isso, um dia. Além disso, eu e você fomos ver o filme lá no Sudoeste, lembra? Achei que talvez você pudesse ler pra mim, e com isso a gente mata um pouco o tempo.

**Jimmy** – Puta, obrigado... (continuando a ver as compras) Um baralho... Água oxigenada? Naldinho, você não está pensando em...

**Naldinho** – Vamos cortar o cabelo, e você vai clarear o seu. Vão botar a nossa descrição nos jornais. Temos que ficar diferentes.

**Jimmy** – Ah, não! Nem, Ronaldo Mascote, meu cabelo não! A gente pode não ter cadilac nem camisa “volta ao mundo”, mas cabelo a gente tem...

**Naldinho** – Se nos pegarem, a gente vai ter que cortar mesmo... Você sabe que a primeira coisa que o juizado de menores faz é tosquiá o sujeito.

**Jimmy** – Não sei por quê... Zé Francisco Cabelo pode muito bem acabar com um cara estando de cabeça pelada.

**Naldinho** – Não podem tomar nada da gente, primeiro porque não temos nada. Assim, cortam nosso cabelo.

**Jimmy** – É só pra zoar a gente mesmo...

**Naldinho** – Também vou cortar o meu. Só não dá pra clarear. Minha pele é muito escura, ia ficar esquisito de cabelo louro... Ah, Jimmy Olsen, depois cresce.

**Jimmy** – Tá bom. Acabe logo com isso. (**Naldinho puxa o canivete**). Não muito curto, Naldinho, por favor, não corte muito. (**Ao começar o corte, vendo o cabelo no chão.**) É mais claro do que eu pensava. Posso ver com que cara estou, agora?

**Naldinho** – Não. Primeiro vamos clarear. (**Passa a água oxigenada. Música começa e vai diminuindo até sumir.**)

**Jimmy** – Me passa o espelhinho (**pega o espelho**)... Ôrra, meu!... Meu cabelo tá mais claro que o do Pepsi-Cola. Eu nunca tinha penteado ele assim para o lado. Não parece que sou eu. Estou parecendo mais novo. Pô, estou com a maior cara de veado. Estou me sentindo um merda.

**Naldinho** – Toma (**passa o canivete**). Agora é sua vez. Corta na frente e dá uma tosada no resto. Vou pentear para trás, depois lavar. Anda, corta!

(**Música retorna e vai baixando até sumir.**)

**Naldinho** – Tenho a impressão de que estamos disfarçados.

**Jimmy** – Também acho.

**Naldinho** – Pô, merda, é só cabelo...

**Jimmy** – Merda nada. Levou muito tempo para eu conseguir ficar com o cabelo do jeito que eu estava a fim. Além disso, a gente simplesmente não é assim. É como usar uma fantasia que não dá pra tirar.

**Naldinho** – Bom, a gente tem que se acostumar, mano. Estamos na maior fria, temos que escolher entre nossa cara e nós.

**Jimmy** – Ainda estou cansado. (**Soluça.**)

**Naldinho** – Desculpe ter cortado sua juba, Jimmy.

**Jimmy** – Ah, não é isso. Ou melhor, não é só isso. É que estou meio nervoso. Pra falar a verdade, não sei qual é o grilo. Estou superconfuso.

**Naldinho** – Eu sei.

**Jimmy** – As coisas estão acontecendo muito depressa. (**Passa o braço no pescoço de Naldinho**).

**Naldinho** – Bacana tinha que ter visto aquela vendinha furada onde comprei esses troços. Cara, estamos no meio de lugar nenhum... A casa mais próxima daqui está a uns três quilômetros de distância. Tinha fita forte por todo lado, só esperando alguém como Bacana pra pegar. Ele podia ter roubado a metade da muamba da loja.

**Jimmy** – Lembra das gracinhas dele ontem à noite? Ontem à noite... Foi só ontem à noite que a gente tava andando com Márcia e Glória na rua. Foi só ontem à noite que ficamos deitados no terreno baldio, olhando as estrelas e sonhando...

**Naldinho** – Para com isso! Para de falar em ontem à noite! A coisa ficou preta. Apaguei um cara ontem à noite. Ele não devia ter mais que dezessete ou dezoito anos, e eu matei o cara. O que você ia achar de ter que viver com um tranco desses? (**Soluça. Jimmy o abraça.**) Eu não queria, mas eles estavam te afogando, fiquei apavorado. Puxa, como tem violência nas pessoas!

**Jimmy (chorando)** – Que é que vamos fazer?

**Naldinho** – A culpa é minha... De trazer um pirralho de treze anos comigo. Você tinha que estar em casa. Você não pode arrumar encrenca. Você não matou o cara.

**Jimmy** – Não! Tenho catorze! Faz um mês que fiz catorze. E estou nessa tanto quanto você. Já vou parar de chorar... Não consigo evitar.

**Naldinho (abraçando Jimmy e cobrindo ambos com o cobertor)** – Não era isso que eu estava querendo dizer, Jimmy. Não chora, Jimmy, vai dar tudo certo. Não chora...

(Dormem. Black-out. Música baixa. Luz. Acordam.)

**Jimmy** – Naldinho! Você tá acordado?

**Naldinho** – Estou.

**Jimmy** – A gente não vai chorar mais, não é?

**Naldinho** – Não. Já choramos pacas. Já estamos nos acostumando com a coisa. Vai ficar tudo barra limpa agora.

(Efeito de luz. Música de fundo continua baixa. Jimmy pega o livro “*Vidas Secas*” e começa a ler.)

**Jimmy (lendo)** – “A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida. Por isso Fabiano imaginava que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. (...) Então Fabiano resolveu matá-la.” (Continua lendo em mímica.)

(Alguns segundos depois...)

“...Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se esponjariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.”

(Luz volta ao normal. Música desaparece.)

**Naldinho** – Aposto que esse Fabiano do livro é um cara durão. Ele me lembra o Cabelo.

**Jimmy** – Cabelo? Cara, tu não sabe o que é fugir da seca, caminhar por estradas sem fim, com gente e animais morrendo ao seu lado, num sol de rachar...

(Jimmy fecha o livro. Câmbio de luz para os fundos da igreja, no lado esquerdo do fundo palco, num plano mais elevado. Jimmy sobe os degraus, seguido de Naldinho, ao mesmo tempo em que é projetado um slide com uma paisagem bucólica ao entardecer. Ambos se posicionam nas extremidades do slide.)

**Naldinho** – Putz! Isso é demais! O mais incrível é esse nevoeiro. Todo dourado e prateado

**Jimmy (olhando para a paisagem)** – Pena que não fique assim o tempo todo. Nada que é dourado permanece. (Música.)

**Naldinho** – Que?

**Jimmy** – “O primeiro verde da natureza é dourado. Para ela, o tom mais difícil de fixar. Sua primeira folha é uma flor, mas só durante uma hora. Depois folha sucede a folha. Assim o Paraíso afundou na dor, assim a aurora se transforma em dia. Nada que é dourado permanece.”

**Naldinho** – Onde é que você aprendeu isso? Era isso que eu estava querendo dizer.

**Jimmy** – É de um poeta norte-americano. Um tal de Robert Frost. Mas, na verdade, ele queria dizer muito mais do que eu consigo pegar. Sempre me lembro desse poema, porque nunca consegui entender muito bem o que quer dizer.

**Naldinho** – Sabe, eu nunca notava nada em cores e nuvens e esse tipo de lance, até que você começou a me chamar a atenção para isso. Até parece que antes não existiam.

(Luz cambia para a igreja. Eles descem para lá. Slide desaparece. Música termina. Ouvem o assobio-código dos bastidores. Eles respondem com o mesmo assobio e olham assustado.)

**Cabelo (entrando)** – Cagamba! (**Pondo a mão no cabelo de Jimmy.**) Como ele está diferente!

**Jimmy** – Opa, Cabelo!

**Cabelo** – E aí, Jimmy Olsen, beleza? Ou será que devo te chamar de Bela Adormecida?

**Jimmy** – Nunca pensei que fosse chegar um dia na minha vida em que eu ficasse tão feliz em te ver... Como vai Pepe? A polícia anda atrás da gente? Dedê está bem? Os caras do clube do bolinha já sabem onde estamos? O que...

**Cabelo** – Fica na moral, mano. Não dá pra responder tudo ao mesmo tempo. Vocês dois estão a fim de xepar alguma coisa primeiro? Não tomei café da manhã e estou morrendo de fome. (**Dá uma mordida no salsichão.**)

**Jimmy** – Você, morrendo de fome?... A gente já pode sair...?

**Cabelo** – Sim, senhor Jimmy Olsen Silva. (**Procura um cigarro.**) Você tem algum pirulito de câncer, Ronaldo Mascote? (**Naldinho joga um maço de cigarros. Ele tira um, acende e joga-o de volta.**) Os tiras não vão vir atrás de vocês por estas bandas. Eles acham que vocês se mandaram para Goiânia. Estou com o possante do Bacana parado ali na estrada, um pouco mais adiante. (**Procura comida.**) Deus do céu, vocês não rangam nada?

**Naldinho** – Claro que comemos. Por que você pergunta um lance desses?

**Cabelo** – Vocês estão pálidos e mais magros. Comecem a tomar sol. Até parece que vocês andaram em cana!

**Jimmy** – Olha só quem está falando...

**Cabelo** – Ei, Jimmy Olsen, tenho uma carta pra você.

**Jimmy** – Uma carta? De quem?

**Cabelo** – Do presidente Castelo Branco, é claro, seu babaca. Do Pepe. (**Joga a carta.**)

**Jimmy** – Do Pepsi? Mas como é que ele sabia...?

**Cabelo** – Ele pintou lá no cortiço do Samuca Batista há uns dias, atrás de alguma coisa, e achou a camiseta. Disse a ele que não sabia onde você estava, mas ele não botou muita fé. Me deu a carta e a metade do salário dele para eu dar a você (**dando o dinheiro**). Cara, você precisa ver o Dedê. Não está conseguindo guentar o tranco.

**Jimmy (lendo)** – “Acho que você aprontou uma boa, né?... Dedê está superarrependido porque bateu em você... Levaram Cabelo pra delegacia... A polícia pintou para nos interrogar... Tô ligado que Cabelo sabe onde vocês estão... Gostaria que vocês voltassem e se entregassem, mas acho que não podem fazer isso porque o Naldinho pode se machucar. Puta, vocês são famosos. Até saiu um parágrafo sobre você no jornal Correio Brasiliense. Se cuida e dê lembranças pro Naldinho. Pepe.” (**Fala com Cabelo.**) Como é esse lance de você ir preso?

**Cabelo** – Pô, cara. Aqueles caras da delegacia já me manjam bem, a essa altura. Me pegam por tudo que rola lá no Núcleo Bandeirante. Então, quando fiquei lá, deixei escapar que vocês tinham se mandando pra Goiânia. Por isso, estão procurando vocês lá. (**Rindo**).

**Jimmy** – Você sabe contar lorota, hein, Cabelo...

**Cabelo** – Claro. Mas, não vão sair imitando meus maus hábitos por aí, crianças... E tem uma coisa que eu não contei a vocês. Foi declarada a guerra entre os sulistas e nós em todo o Distrito federal. Não podemos andar sozinhos de jeito nenhum. Comecei a andar armado.

**Jimmy** – Berro serve para matar gente!

**Cabelo (para Naldinho)** – Dá pra matar até com canivete, não é, mano? Não se preocupem: (**mostrando o revólver**) não está carregado. Não pretendo ser preso por assassinato. Mas ajuda a assustar. A turma do Mundinho Paraíba e a nossa vão acertar as contas com os sulistas amanhã à noite no terreno baldio. Se eles ganharem, as coisas ficam como sempre. Se nós levarmos a melhor, eles têm de ficar de fora de nosso território direitinho... Tem uma coisa também que não contei a vocês... Temos um espião...

**Naldinho** – Um espião? Quem?

**Cabelo** – Aquela mina classuda que eu tentei pegar naquela noite em que você apagou o sulista. A de cabelo vermelho, Glória não sei o que...

**Jimmy** – Glória?... Não... Não pode ser... (**Cobre o rosto com as mãos.**)

**Cabelo** – Vamos dar um rolê por aí. Bora comer alguma coisa no povoado.

**(Black-out. Quando a luz acende nas laterais da plateia, os três já estão indo conversando até o fundo do teatro. Prosseguem e retornam pelo outro lado, até chegarem perto da lanchonete.)**

**Jimmy** – Glória? A mina sulista?

**Cabelo** – Ela pintou no terreno baldio na noite em que pegaram o Bacana. Nós, Paraíba e alguns caras da turma dele, a gente estava por ali quando ela pintou no carrão dela. Foi preciso coragem da parte do brotinho! Alguns dos caras estavam querendo dar uma surra nela ali, no ato, já que era a mina do cara morto e tudo, mas Bacana não deixou. Cara, a próxima vez que eu quiser uma mina vou ganhar uma na minha turma.

**Naldinho** – Bingo...

**Cabelo** – Ela disse que achava que toda aquela zueira era por culpa dela, o que é verdade, que ia nos manter informados das coisas que os sulistas estivessem preparando e que ia declarar ao juiz que os sulistas estavam bêbados, procurando treta, e que vocês tinham lutado para se defender.

**Jimmy** – Fica difícil de acreditar que uma mina sulista possa nos dar uma mão...

**Cabelo** – Cara, aquela igreja está por fora. Que é que vocês fazem pra passar o tempo por lá? Jogam xadrez? (**Ri.**)

**Jimmy** – Como é que você sabia da igreja?

**Cabelo** – Tenho um primo que mora por aqui, não sei bem onde. Foi ele que me deu a dica de que aquilo podia ser um cafofo pra se esconder em caso de necessidade.

**(Chegam à lanchonete. Luz cambia para esse local. Naldinho faz mímica, pedindo algo para os bastidores, sem que se interrompa o diálogo.)**

**Cabelo** – Foi uma ideia muito boa essa de cortar o cabelo e clarear. Eles puseram a descrição de vocês em tudo quanto é jornal, só que agora não bate.

**(Uma mão entrega um sanduíche a Naldinho.)**

**Naldinho** – A gente vai voltar e se entregar.

**Cabelo** – Que?

**Naldinho (falando e preparando-se para comer o sanduíche)** – Eu falei que a gente vai voltar e se entregar... Tenho boa chance de me safar. Não sou fichado, e foi em legítima defesa. Jimmy e Glória podem ser testemunhas. Além disso, não pretendo passar o resto da vida naquela igreja. (**Comendo o sanduíche.**) A gente não vai contar que nos ajudou, Cabelo. Devolvemos o revólver e o resto do dinheiro para você e dizemos que voltamos de carona, assim não se complica, certo?

**(Cabelo faz mímica, pedindo algo aos bastidores.)**

**Cabelo** – Vocês têm certeza de que querem voltar?

**Naldinho** – Tenho. Não é justo Jimmy ter que ficar naquela igreja, naquele cafofo, com Dedê e Pepe se preocupando com ele o tempo todo. Acho que... acho que meus pais nem estão preocupados comigo...

**(Duas mãos entregam um copo de refrigerante e um sanduíche a Cabelo, que apanha.)**

**Cabelo (tomando refrigerante)** – O pessoal está grilado. Bacana ia embarcar para Goiânia atrás de você.

**Naldinho** – Meus pais... perguntaram por mim?

**Cabelo (comendo)** - Não, não perguntaram. Cagamba, Naldinho, que importância eles têm? Merda, meu coroa não se liga se estou na cadeia, se apaguei num acidente de carro ou se estou travado de tanto goró na sarjeta. Mas não ligo nem um pouco pra isso...

**Jimmy** – Ôrra, Cabelo, Naldinho sente muito esse lance...

**Cabelo** – Que merda, Naldinho, por que você não pensou em se entregar cinco dias atrás? Teria evitado muita confusão.

**Naldinho** – Estava morto de medo. E ainda estou... **(Passa a mão no cabelo.)** Acho que estragamos nossa juba para nada, Jimmy.

**Jimmy** – Também acho. Estou feliz em voltar. Já estou enjoado daquela igreja. Nem me incomodo de estar careca.

**Cabelo (para Naldinho)** - Só que não quero que se machuque. Não tem ideia do que alguns meses em cana podem fazer. **(Os três, agora estão de frente para a plateia.)** Ô, merda, Naldinho, na cadeia o cara endurece. Não quero que isso aconteça com você. Como aconteceu comigo...

**Naldinho** – Você ia preferir me ver vivendo em esconderijos pelo resto da vida, sempre fugindo, de cafofo em cafofo?

**(Música de ação. A igreja está pegando fogo. Vídeo de incêndio da igreja cobre o lado direito do o palco, ao mesmo tempo em que a lanchonete se apaga, revelando apenas as silhuetas dos atores, com as mãos na cabeça, gritando.)**

**Cabelo (olhando para trás)** – Caramba! Veja aquilo! A igreja está pegando fogo!

**Jimmy** – Vamos lá ver qual é o grilo.

**(Chegam mais para o centro do palco. Seu Sebastião entra correndo da plateia, e também se desespera.)**

**Jimmy** – Moço, o que está havendo? **(Música diminui um pouco.)**

**Seu Sebastião** – Bom, a gente não tem certeza. Estávamos fazendo um piquenique da escola aqui em cima e, quando vimos, estava tudo queimando. **(Grita.)** Mais pra trás, crianças! Daqui a pouco os bombeiros estão aí! Peraí... Estão faltando algumas crianças... Ó, meu Deus! **(Gritos de fora.)** Eu disse a elas para não irem brincar na igreja. Eu disse.

**Jimmy** – Vou buscá-las, não se preocupe!

**Seu Sebastião (puxando Jimmy pelo braço)** – Eu é que vou buscá-las. Vocês, garotos, fiquem aqui!

**Jimmy** – Me larga! **(Sai correndo de um lado pro outro. Seu Sebastião sai por um dos lados, correndo.)**

**Naldinho** – Ei, Jimmy, guenta aí!

**(Saem por um dos lados dos bastidores e aparecem do outro. Repetem umas três vezes, gritando “crianças, por aqui, por aqui.” Cabelo repete a mesma correria, mas, pelo lado contrário.)**

**Cabelo (para no centro do palco e olha para cima)** – Pelo amor de Deus, vazem!! Saiam daqui! O telhado vai cair a qualquer momento. Esqueçam o diabo dessas crianças!

**(Barulho forte. Todos desaparecem pelos bastidores. Cabelo aparece com Jimmy nos braços, tenta pô-lo de pé, dá uma pancada violentamente com a**

**mão nas costas dele e o joga de volta aos bastidores. Após isso, grita com Naldinho, que está fora de cena, junto com Jimmy, já se preparando para a próxima cena no hospital.)**

**Cabelo** - Cai fora pela janela! Cuidado, Naldinho, corre!

**(Forte barulho da queda do teto. Sirene de ambulância. Black-out sincronizado com término do vídeo. A sirene continua mais alguns segundos. Música termina. Luz no quarto do hospital. Uma maca conduzida pela Enfermeira conduz Jimmy, coberto com um lençol. Ela posiciona a maca e passa uma toalha no rosto de Jimmy.)**

**Enfermeira** – Acho que está acordando...

**Jimmy** – Onde estou?

**Enfermeira** – Calma, garoto.

**Jimmy** – Onde está o Naldinho? E o Cabelo?

**Enfermeira** – Estão no outro quarto. Agora se acalme. Você vai ficar bom. Foi só um desmaio.

**Jimmy** – Não foi desmaio. Foi o Cabelo que me deu uma porrada. Por que será que ele fez isso?

**Enfermeira** – Foi porque suas costas estavam pegando fogo.

**Jimmy** – É? Putz grila! Nem senti. Não dói.

**Enfermeira** – Apagaram o fogo antes que você se queimasse. Você só desmaiou porque respirou muita fumaça e um pouco por causa do choque. Claro, aquela batida nas costas não ajudou muito.

**Jimmy** – Você vai nos levar para a delegacia?

**Enfermeira** – Delegacia? Por que a gente ia querer levar vocês para a delegacia?

**Jimmy** – Naldinho e Cabelo estão bem?

**Enfermeira** – Quem é quem, dos dois?

**Jimmy** – Naldinho tem cabelo preto. Cabelo é o que tem cara de mau.

**Enfermeira** – Estamos achando que o garoto de cabelo claro não vai ter maiores problemas. Ele ficou com o braço muito queimado, tentando puxar outro garoto pela janela. Naldinho... Bem, não sei. Um pedaço de viga caiu nas costas dele. Ele pode ter quebrado a coluna e está com queimaduras muito graves. Desmaiou antes de conseguir pular a janela. Estão dando soro para ele agora. Juro que há muito tempo não vejo garotos tão corajosos quanto vocês três. Primeiro você e o garoto de cabelo preto escalaram aquela janela, depois o de cara durona foi lá salvar o outro. Nós achamos que vocês tinham caído diretamente do céu. Ou será que são apenas heróis profissionais, ou algo parecido?

**Jimmy** – Não, nós somos livres.

**Enfermeira** – Vocês são o que?

**Jimmy** – Do Núcleo Bandeirante, da Cidade Livre, livres... Você sabe... que nem bandido. Delinquentes juvenis. Estão procurando Naldinho por assassinato. José Francisco, o Cabelo, tem uma ficha na polícia de mais ou menos um quilômetro de comprimento.

**Enfermeira** – Você está me gozando?

**Jimmy** – Não, não estou. Logo, logo, você vai descobrir quem somos.

**Enfermeira** – Na sua carteirinha havia um cartão com seu endereço. Você se chama mesmo Jimmy Olsen?

**Jimmy** – É isso aí. Até na certidão de nascimento. E não vem me encher o saco também com isso... As crianças estão bem?

**Enfermeira** – Ótimas. Talvez um pouco assustadas. Logo depois que vocês saíram houve pequenas explosões. O barulho era igualzinho ao som de tiros.

**Jimmy** – Putz! **(Põe a mão na cabeça.)** O revólver dançou e meu livro “*Vidas Secas*” também... Será que caímos mesmo do céu? **(Solta uma gargalhada.)**

(Black-out. Jimmy sai da maca e vai para a sala de espera, sentando-se junto a Seu Sebastião, num banco. Cabelo passa para maca em que estava Jimmy. Luz.)

**Cabelo (levanta meio corpo e fala para Jimmy)** – Se algum dia você fizer uma cagada dessas de novo, eu te arrebento de porrada. (Enfermeira sai com a maca para os bastidores.)

**Seu Sebastião** – Garoto, a cidade está comentando sobre vocês. Viraram heróis. (Jimmy acende um cigarro). Isso vai fazer vocês saírem do aperto, principalmente porque o caso já está sendo considerado legítima defesa. Você não devia fumar.

**Jimmy** – Por quê?

**Seu Sebastião** – Por que, hã... Você é muito novo. (Sai e retorna rápido.) Tem umas pessoas aqui que querem ver você. Estão dizendo que são seus irmãos ou algo assim.

(Chegam os irmãos de Jimmy. Pepe o abraça e Dalíber, com as mãos nos bolsos, observa de longe.)

**Pepe** - Ah, Jimmy... seu cabelo (solta uma gargalhada) Seu cabelo está chocante, chocante...

(Jimmy olha para Dalíber, sem dizer nada.)

**Dalíber** – Jimmy... (Leva as mãos aos olhos e vira-se de costas.)

**Jimmy** – Dedê! (Agarra-o por trás.) Dedê, me desculpa.

**Dalíber** – Ah, Jimmy Olsen, pensei que a gente tinha perdido você... como perdemos mamãe e papai...

**Jimmy** – Eu quero voltar pra casa. Dessa vez pra ficar. Mas, eu preciso saber do Naldinho. (Para fora.) Enfermeira!

**Enfermeira (aparecendo)** – Que gritaria é essa?

**Jimmy** – Não saio daqui sem notícias do Naldinho. Mas eu quero saber a verdade.

**Enfermeira** – A situação dele é crítica. Quebrou a coluna quando aquele pedaço de viga caiu em cima dele. Está em estado de choque, com queimaduras de terceiro grau. Estamos fazendo todo o possível para aliviar as dores, ainda que com a coluna quebrada ele nem sinta nada da cintura para baixo. Passa o tempo todo chamando por Cabelo e Jimmy. Se ele sobreviver...

**Jimmy** – Se sobreviver? Se...? Por favor, não deixe ele morrer. (Dalíber passa o braço no ombro de Jimmy).

**Enfermeira** – Se ele sobreviver, ficará aleijado para a vida toda.

**Jimmy** – Meu Deus... não! Nunca mais vai jogar futebol, nunca mais vai nos ajudar numa briga. Terá que ficar naquela casa que detesta, onde não é querido, nunca mais os lances vão ser como antes...

**Enfermeira** – Vocês queriam saber dos fatos... Os fatos são esses. Agora vão pra casa descansar.

**Dalíber** – É melhor a gente dar área. Não temos nada a fazer aqui.

(Black-out. Luz na casa dos órfãos. Dalíber e Pepe cochilam. Jimmy liga o rádio. Música local. Sobre a mesa, alguns objetos de cozinha. Começa a remexer em alguns pacotes sobre a mesa, procurando comida. Acha dois ovos crus e, em seguida, percebe que vem chegando alguém. Música baixa. Ouve-se o assobio-código. Chegam Bacana e Boca Rica.)

**Bacana (de fora)** – Alguém em casa? Oi?

**Jimmy** – Aqui! Entrem.

(Entram. Bacana agarra Jimmy no colo, que está segurando os dois ovos crus.)

**Bacana** – Ei, Jimmy Olsen, há quanto tempo eu não cruzava com você.

**(Empura Jimmy em direção a Boca Rica. Um dos ovos sai de sua mão e vai parar fora do palco. O outro se quebra e escorre pela sua mão.)**

**Jimmy** – Olha só o que você fez. Lá se foi nosso café da manhã. Será que vocês não podiam dar um tempo para eu largar os ovos, antes de começarem a me fazer de ioiô?

**Bacana** – Cara, como você está careca! Eu nunca ia botar fé. Pensei que já tinham domesticado todos os índios selvagens do Planalto Central. Quem foi a indiazinha que te tomou sua cabeleira chocante, Jimmy Olsen Silva?

**Jimmy** – Não enche!

**Boca Rica (zombando)** – Ora, ele tem que cortar o cabelo para tirar foto pro jornal. Ninguém ia acreditar que um pivete com pinta de livre pode ser herói. Como é que você se sente agora que é herói, cara?

**Jimmy** – Como eu me sinto o que?

**Boca Rica** – Como herói. Você sabe, quase um figurão. Veja! **(Mostrando a capa do jornal Correio Brasiliense.)** “*Delinquentes juvenis viram heróis.*” O lance que mais gostei é esse do “viram heróis”. Saibam meus caros, vocês são heróis desde que nasceram. Não viraram de repente.

**(Black-out sincronizado com a projeção de um vídeo no fundo do palco. Personagens, mesmo na penumbra, congelam gestos. O mesmo apresentador do telejornal...)**

*“A sociedade brasiliense continua assustada com a onda de violência, desde a briga de rua envolvendo garotos do Núcleo Bandeirante e da Asa Sul, quando foi assassinado o estudante da Universidade de Brasília, Roberto Batista de Melo, conhecido como Bob, de 17 anos. **(Imagem de Bob, rindo.)** Segundo testemunhas, quatro sulistas estava embriagados e atacaram dois menores da chamada Cidade Livre, que dizem ter agido em legítima defesa.*

*A polícia está investigando o caso. Um deles, Jimmy Olsen Silva, é órfão e tem dois irmãos **(imagem dos três irmãos)**, todos são candangos oriundos da periferia de São Paulo e vivem sob o mesmo teto. O outro, de nome Ronaldo Gomes de Souza, **(imagem de Naldinho)** é filho de marginais conhecidos na comunidade.*

*A maior coincidência é que justamente esses menores fugiram para Águas Emendadas, a cinquenta quilômetros da capital, quando a igreja abandonada que usaram como esconderijo sofreu um incêndio que a destruiu por completo. **(Imagem do incêndio.)***

*No momento, crianças estavam fazendo um piquenique escolar na área e algumas entraram nas ruínas da igreja, quando foram surpreendidas pelo fogo.*

*Esses marginais, acompanhados de outro livre, de nome José Francisco **(imagem de Cabelo)**, foram quem socorreram as crianças, arriscando suas vidas para salvá-las. Agora são considerados heróis, depois que deram entrada no Hospital de Base do Distrito Federal.*

*Mas o juizado de menores está decidindo se todos esses delinquentes juvenis devem ir para um reformatório.”*

**(Vídeo desaparece. Luz.)**

**Jimmy** – Quer dizer que... eles estão pensando em colocar Pepe e eu em uma instituição para garotos, ou algo assim?

**Jimmy** – Não!

**Bacana** – Não o que?

**Jimmy** – Não, eles não vão nos botar em nenhuma instituição.

**Boca Rica** – Nem se ligue nisso. Não fazem este tipo de coisa com herói. Onde estão Pepe e o Super-Homem? (**Dalíber aparece por trás, levanta-o e o joga no chão.**)

**Pepe (entrando apressadamente)** – Onde está a camisa azul que lavei ontem? (**Toma um gole de leite de uma jarra sobre a mesa.**)

**Boca Rica (ainda no chão)** – Sinto muito informá-lo, companheiro, mas é preciso trocar de roupa. Tem uma lei ou algo assim.

**Pepe** – Ah, é? Cadê aquele jeans bege?

**Dalíber** – Passei. Está no meu armário... Rapidinho, você vai se atrasar. (**Pepe sai com Boca Rica para os bastidores.**)

**Jimmy** – Dedê, você está ligado nesse lance de Juizado de Menores?

**Dalíber** – Eu já sabia. Os meganhas me disseram ontem à noite.

**Pepe (entrando)** – Vocês querem saber de uma coisa? Quando a gente tiver acabado com a raça dos sulistas, eu e Boca Rica vamos fazer uma festança e todo mundo vai poder encher a cara. Depois a gente vai botar esses bundões pra correr por todo o Eixo Monumental até o Acre.

**Dalíber (distribuindo fatias de bolo que estavam na mesa)** – De onde é que você vai tirar a grana, carinha?

**Pepe (comendo bolo)** – Eu acho um jeito.

**Jimmy (comendo bolo)** – Você vai levar Bia a essa festa? (**Pepe não responde.**) Qual o grilo, Pepe?

**Pepe (sério)** – Não, ela foi morar com a avó em Salvador.

**Jimmy** – Como?

**Boca Rica (comendo bolo)** – Olha, será que ele tem que explicar tudo? Era isso ou casar. Os pais dela quase tiveram um treco com a ideia de casar a filha com um cara de 16 anos.

**Pepe** – 17. Faço 17 dentro de duas semanas.

**Jimmy** – Putz!

**Dalíber (também comendo bolo)** – É bom a gente se mandar, Pepsi-Cola. (**Para Jimmy.**) Não estou gostando nada de deixar você aqui sozinho, Jimmy. Acho que é melhor eu não ir trabalhar hoje.

**Dalíber** – É, mas você acabou de voltar. E eu acho melhor ficar com você...

**Bacana** – Eu dou uma de babá. Não tenho nada melhor pra fazer.

**Boca Rica** – Por que você não agita um serviço? Alguma vez já pensou em trabalhar para ganhar a vida?

**Bacana** – Trabalhar? E estragar minha reputação? Se eu soubesse de uma boa creche aberta aos sábados, não ia ficar aqui cuidando do garoto. (**Jimmy pula em cima dele, mas quem cai é ele. Bacana agarra o pescoço de Jimmy no chão.**) Pede arrego!

**Jimmy** – Não!

**Dalíber (puxando Bacana pela jaqueta)** – Vocês dois lavam a louça. Se estiverem a fim, podem ir ao cinema antes de ir ver Cabelo e Naldinho. Bacana, larga! (**Bacana solta Jimmy.**) Ele não está com aspecto muito bom. Jimmy Olsen, tome uma aspirina e descanse. Se você fumar mais que um maço hoje, te arranco o couro. Sacou?

**Jimmy** – Tá bem. E se você carregar mais que uma carga de telhas por vez hoje, eu e Pepe arrancamos seu couro. Sacou?

**Dalíber (rindo)** – Saquei. Até à tarde... (Saem.)

**Jimmy** – Até.

(**Jimmy liga o rádio. Música. Os dois lavam louça, simulando uma torneira na parede e enxugando com um pano que está sobre a mesa. Música diminui.**)

**Bacana** – Bom... Eu estava andando pelo centro e peguei um atalho pelo meio de umas árvores... (**Pega o canivete e para de lavar**)... Aí eu cruzei com três caras. Digo “oba”, e eles piscaram um pro outro. Aí um disse: “a gente pode te tomar, mas você parece tão duro quanto nós... Acho que não tem muamba que valha a pena roubar”. Eu disse: “meu amigo, essa é a real” e segui meu caminho. Moral da história: qual é o lance mais seguro pra você ser quando encontra um bando de marginais no meio do mato?

**Jimmy** – Campeão de judô?

**Bacana** – Que nada... Outro marginal! (**Gargalhada**).

**Jimmy** – Vamos fazer uma limpeza na casa. (**Retirando as coisas da mesa.**) Os repórteres, os meganhas ou alguém pode pintar. Além do mais, já está na época de aqueles caras do governo passarem por aqui para fazer o controle.

**Bacana** – Esta casa não está desarrumada. Você precisa ver a minha.

**Jimmy** – Já vi. Se você tivesse um pouco de cabeça, tentava dar uma força lá na sua casa, em vez de ficar zoando. (**Sai com as coisas para os bastidores.**)

**Bacana (para fora)** – Merda, cara, se algum dia eu fizer isso, minha mãe morre do coração.

(**Black-out. Música desaparece. Jimmy e Bacana passam pela frente da plateia, durante a fala a seguir. Ambos fumando. Luz.**)

**Jimmy** – Pra onde estamos indo?

**Bacana** – Pro Cruzeiro. A gente podia ir na minha máquina, mas está sem freio, por isso vamos tentar uma carona.

(**Ao subirem ao palco, se dirigem ao centro, pelo lado da lanchonete. Câmbio de luz. Ali encontram Rafa, Agá, Valzinho e Galo que vão saindo de pontos diferentes dos bastidores, todos de braços cruzados. Bacana apoia o cotovelo no ombro de Jimmy e dá baforadas.**)

**Bacana** – Vocês sacam as regras. Nada de briguinha antes da batalha.

**Rafa** – Sabemos. (**Olha para Jimmy**). Vem cá, quero falar com você. (**Chegam à frente do palco. Todos os outros personagens simulam um papo. Foco apenas em Jimmy e Rafa**). Li sobre você no jornal. Como é possível?

**Jimmy** – Sei lá. Vai ver eu estava a fim de bancar o herói.

**Rafa** – Eu não teria feito nada daquilo. Teria deixado aquelas crianças queimar até morrer.

**Jimmy** – Vai ver você não deixaria. Vai ver você faria o mesmo.

**Rafa (acende cigarro)** – Sei lá. Já não sei de mais nada. Eu nunca teria acreditado que um livre fosse capaz de fazer uma coisa dessas.

**Jimmy** – Não tem nada a ver esse negócio de livre. Meu chapa ali na calçada (**apontando para a plateia**) não teria feito... Talvez você tivesse feito a mesma coisa... Talvez um de seus camaradas, não. O que conta é a pessoa.

**Rafa** – É o seguinte... Vou te dar um papo reto: não vou aparecer na batalha de hoje à noite. Estou farto disso tudo. Farto e cansado. Bob era um cara legal. Era o melhor camarada que um cara podia ter. Quer dizer, ele lutava bem, era chocante, tudo isso, mas era um pessoa real, também. Saca?

**Jimmy** – Entendo.

**Rafa** – Agora está morto. A mãe dele teve uma crise de nervos. Ele era superminado, eles cediam para ele o tempo todo. Bob ficava tentando fazer alguém dizer “não” pra ele, mas ninguém dizia. Ninguém dizia. Era isso que ele queria: que alguém dissesse “não”. Que alguém definisse as regras, colocasse limites, desse a ele algo de sólido em que se apoiar. É isso que todos nós queremos, na verdade. Se o coroa dele tivesse lhe dado umas cinteiradas, só uma vez, ele ainda poderia estar vivo. Só sei que estou enjoado de toda essa confusão... (**Mudando de assunto.**) Aquele cara, o seu chapa, o que se queimou, ele pode morrer?

**Jimmy** – Pode.

**Rafa** – E hoje à noite...As pessoas se machucam nessas batalhas, podem até morrer. Estou farto disso tudo, porque não adianta nada. Vocês não podem ganhar, você sabe disso, não sabe? Vocês não podem ganhar, nem que nos deixem moídos. Vão continuar no mesmo lugar em que estavam antes: por baixo.

Nós vamos continuar sendo os caras de sorte, os que mandam. Por isso é que não adianta nada lutar nem matar. Não prova coisa alguma. Se vocês ganharem ou se perderem, do mesmo jeito a gente esquece. Os livres vão continuar livres, e os sulistas vão continuar sulistas. Por isso, se eu achasse que adiantaria alguma coisa, eu lutaria. Acho que vou sair da capital. Vou pegar meu Mustang e toda a grana que conseguir arranjar e me mandar daqui.

**Jimmy** – Fugir não resolve.

**Rafa** – Que merda! (**Solução.**) Eu sei... Mas o que posso fazer? Se eu não pintar na batalha, vão dizer que sou cagão, mas, se eu for, vou me sentir um merda. Não sei o que fazer.

**Jimmy** – Se eu pudesse, te ajudava. Lembro que Glória falou que as coisas são difíceis pra todo mundo.

**Rafa** – Não, você não me ajudaria. Sou um sulista. Se você tem um pouco de grana, todo mundo te odeia.

**Jimmy** – Não. Você é que odeia todo mundo. (**Chega bem perto e olha nos olhos de Rafa.**) Se você estivesse lá, teria salvado a vida daquelas crianças. Teria feito o mesmo que nós.

**Rafa** – Obrigado, livre... (**Se desculpa.**) Foi sem querer. Eu queria dizer obrigado, cara.

**Jimmy** – Meu nome é Jimmy Olsen. Legal levar um papo reto com você, Rafa.

(**Rafa sai para os bastidores. Bacana retorna.**)

**Bacana** – O que ele queria? Que é que o “senhor supersulista” queria com você?

**Jimmy** – Ele não é um verdadeiro sulista, é só um cara legal. Só queria trocar uma ideia.

**Bacana** – Você quer ir ao cinema antes de ir ver Ronaldo Mascote e Cabelo?

**Jimmy** – Nem.

(**Black-out. Luz. A enfermeira está sentada em sua mesinha da sala de espera.**)

**Enfermeira (falando para fora)** - Deixa entrarem. Ele tem perguntado por eles. (**Para si mesma.**) Agora já não faz mal.

(**Câmbio de luz. Bacana e Jimmy entram no quarto e encontram Naldinho deitado na maca, entubado, com o pescoço todo preto à mostra, com um lençol a partir do peito para baixo. Foco fechado na maca.**)

**Bacana** – Oi, Naldinho.

**Naldinho (mal consegue pronunciar as palavras)** – Oi, pessoal.

**Enfermeira** – Ah, então ele sabe falar! (**Sai.**)

**Bacana** – Não fale, só escute. Hoje à noite é a grande batalha. Pena que você e Cabelo não vão estar com a gente. É a nossa primeira treta séria, sem contar aquela vez que pegamos a turma do Raimundo Paraíba.

**Naldinho** – Ele passou por aqui.

**Bacana** – Quem, Paraíba?

**Naldinho** – Veio ver Cabelo.

**Bacana** – Você sabia que seu nome saiu no jornal, como herói?

**Naldinho** – Chocante.

**Bacana** – Você está precisando de alguma coisa, cara?

**Naldinho (para Jimmy)** – O livro, você me consegue outro?

**Jimmy (para Bacana)** – Ele está a fim de um exemplar de “*Vidas Secas*” para eu ler pra ele. Você não quer dar um pulo na livraria e comprar um?

**Bacana** – Tá limpo. Não vão fugir, hein...! (**Sai.**)

**Jimmy** – Cabelo vai ficar bom. E Dedê e eu, agora a gente está numa boa. (**Percebe algo em Naldinho.**) Naldinho, você está bem?

**Naldinho** – Estou, só que às vezes dói. Em geral não... Não sinto nada da cintura pra baixo... Estou muito mal, não é, Jimmy?

**Jimmy** – Você tem que ficar bom. Como é que gente vai viver sem você?

**Naldinho** – Nunca mais vou poder andar. Nem com muletas. Quebrei a coluna.

**Jimmy** – Você vai ficar bom...

**Naldinho** – Quer saber de uma coisa, Jimmy? (**Entra a música “Jura Secreta”, de Suely Costa/Abel Silva, em nível que não atrapalhe o diálogo.**) Estou morto de medo. Eu vivia falando em me Apagar... Não quero morrer agora. É muito pouco tempo. Dezesesseis anos não basta. Eu não ia ligar tanto se não tivesse tanto lance que ainda não fiz e tantos outros que não vi. Não é justo. Sabe de uma coisa? Aquela vez que fomos para Águas Emendadas...

**Jimmy** – Você não vai morrer. E não esquento, porque, se ficar agitado, o médico não vai mais deixar a gente visitar você. Dezesesseis anos na rua dá para se ligar em um monte de coisas. Mas só lance errado, não os que você está a fim de aprender. (**Música desaparece em fade out.**)

**Enfermeira (Aparecendo na porta. Foco aumenta.)** – Ronaldo, sua mãe está aqui para vê-lo.

**Naldinho** – Não quero ver minha mãe.

**Enfermeira** – Mas é sua mãe.

**Naldinho** – Já disse que não estou a fim de que ela entre aqui. Ela vem falar do desgosto que estou dando e de como ela e o velho vão ficar felizes quando eu morrer. (**Desfalecendo.**) Diz para ela me deixar em paz. Uma vez que seja, uma vez que seja, que me deixe em paz. (**Desmaia.**)

**Enfermeira** – É isso que eu estava com medo de acontecer se receber visitas. (**Para Bacana, que ia entrando**) Você não pode entrar agora!

**Bacana (entregando o livro a ela)** – Toma. Ponha num lugar em que ele veja quando acordar. Meus Deus! Eu queria que fosse qualquer outro de nós, não o Naldinho. Dá pra gente viver sem qualquer um, mas não sem o Naldinho.

(**Enfermeira põe o livro sobre o lençol de Naldinho e sai. Bacana quando vai saindo ouve a voz da mãe de Naldinho.**)

**Mãe de Naldinho em off** – Mas eu tenho direito de vê-lo! Ele é meu filho! Depois de todo o trabalho que eu e o pai dele tivemos para criá-lo, essa é a nossa recompensa! Ele prefere ver esses vagabundos imprestáveis que a própria família. A culpa foi desses dois que estão aí. Sempre vagabundeando pelo meio da noite, sendo presos, e só Deus sabe quantas coisas mais...

**Bacana (falando da porta, para fora)** – Não me surpreende que ele deteste sua cara. Puta que pariu! Ele tem que conviver com isso!

(**Luz baixa em resistência. Música. Naldinho permanece imóvel na maca. Jimmy e Bacana vão sentar-se na sala de espera. Luz volta ao normal.**)

**Cabelo (entrando com um esparadrapo no rosto, pulso enfaixado e com roupa de hospital)** – Bicho, que alegria ver vocês! Esse... esse pessoal do hospital não me deixa fumar, quero sair daqui. Raimundo Paraíba passou por aqui para me ver ainda há pouco.

**Jimmy** – É, Naldinho me contou. O que ele queria?

**Cabelo** – Disse que viu meu retrato no jornal e que não podia acreditar quando viu que não estava escrito embaixo “Procurado vivo ou morto”. Veio principalmente para me encher o saco com o lance da batalha. Cara, como eu queria estar nessa!... Moleque, você me gelou no outro dia. Pensei que eu tinha te apagado.

**Jimmy** – Eu? Por que?

**Cabelo** – Quando te joguei pra fora da igreja. Eu queria te dar uma porrada com força suficiente para te derrubar e apagar o fogo, mas, quanto te vi caindo feito chumbo, achei que tinha mirado muito alto e que tinha te quebrado o pescoço. Que bom que não quebrei.

**Jimmy** – Sei...

**Cabelo** – Humm... Como está o campeão?

**Bacana (chamando os outros dois a um canto)** - Não entendo desses lances, mas... acho que ele está mal. Ele agora está variando.

**Cabelo** – Bacana, você ainda tem aquele canivete todo transado? Aquele que você roubou na loja de ferragens...

**Bacana** – Tenho.

**Cabelo** – Dá aqui. (**Canivete numa mão e punho cerrado com a outra**) Vamos ganhar a batalha hoje à noite. Temos que acertar as contas com os sulistas. Pelo Naldinho! Pelo Naldinho!

**Black-out.)**

### 3º Ato

(Luz. Jimmy e Bacana estão sentados no centro do palco. No hospital, mesmo às escuras, Naldinho permanece na maca, imóvel.)

**Bacana (passando a mão na testa de Jimmy)** – Como é que você está se sentindo? Você está quente pro diabo.

**Jimmy** – Estou legal. Não diga pro Dedê, falou?... Pô, Bacana, não vem com sujeira. Hoje à noite já vou estar legal. Vou tomar um monte de aspirinas.

**Bacana** – Falou. Mas, Dedê te mata se você estiver doente mesmo e for lutar assim.

**Jimmy** – Estou bem. E, se você não abrir o bico, Dedê nem vai se ligar.

**Bacana** – Sabe de um papo reto? Qualquer um pensaria que você pode aprontar de tudo, porque mora com seu irmão mais velho e tudo, mas Dedê é mais severo que os seus velhos eram, não é mesmo?

**Jimmy** – É, mas eles já tinham criado dois filhos antes de mim. Dedê não.

**Bacana** – Sabe, Dedê são não é sulista por nossa causa.

**Jimmy** – Eu sei. Faz muito tempo que eu sei disso. Mesmo sem ter muita grana, a única razão pela qual Dedê não pode ser sulista é a gente. A roda. Não sei como eu sei, mas eu sei. E fico com um pouco de pena. (**Mudando de assunto.**) Hoje à noite... Não estou gostando nem um pouco.

**Bacana** – Nunca vi você se mijar pra briga antes. Nem mesmo quando você era pequeno...

**Jimmy** – Não sou cuzão, Bacana, você sabe muito bem. Por acaso não sou um Silva, como Pepe e Dedê? O que estou falando é que estou com uma sensação péssima de que vai rolar algum lance.

**Bacana** – Algum lance vai rolar. Vamos acabar com a raça dos sulistas: é isso que vai rolar.

(**Entra Glória, vinda da plateia, olhando para um lado e para o outro, desconfiada. Os rapazes se levantam.**)

**Glória** – Oi, Jimmy. Oi, Bacana.

**Bacana** – O que os “Classe A” estão aprontando?

**Glória** – Estão na de vocês. Nada de armas, negócio limpo. De acordo com as regras de vocês.

**Bacana** – Tem certeza?

**Glória** – Rafa me contou. Ele sabe.

**Bacana** – Obrigado, “Gogoia”. (**Jimmy e Bacana vão saindo para a plateia.**)

**Glória** – Jimmy, fique mais um pouco. (**Bacana sai. Jimmy volta da escada.**) Rafa não vai pintar hoje à noite.

**Jimmy** – É, já sei.

**Glória** – Não é medo. É que ele está cansado de briga. Bob... Bob era o melhor amigo dele. Desde o começo do ginásio. Como está Naldinho?

**Jimmy** – Não está muito bem. Você vai lá visitar ele?

**Glória** – Não. Não ia conseguir.

**Jimmy** – Por quê?

**Glória** – Eu não ia conseguir. Ele matou Bob. Sei que ele provocou. Mas eu nunca poderia olhar para a pessoa que matou meu namorado. Você só conhece o lado ruim dele. Era capaz de ser um amor, às vezes, simpático. Mas quando bebia... foi essa parte dele que bateu no Naldinho. Por que é que vendem bebidas alcoólicas a garotos? Por quê? Ele não era um cara comum. Ele tinha uma coisa que fazia as pessoas seguirem ele, alguma coisa que o tornava diferente, talvez fosse um pouco melhor que as pessoas em geral, você entende?

**Jimmy** – Tá limpo. Eu não ia querer que você fosse visitar o Naldinho. Você é uma “x-9” do seu pessoal e não é leal a nós. Você acha que ficar espionando para nós resolve o lance de estar aí dirigindo um carrão, enquanto meu irmão é obrigado a deixar a escola para trabalhar? Não fique com pena de nós nem tente dar esmolas, para depois se sentir superior e poderosa por causa disso. (**Glória enxuga uma lágrima.**)

**Glória** – Não estava tentando ser caridosa com vocês, Jimmy. Eu só queria ajudar. Gostei de você desde o começo... do jeito como falava. Você é um cara legal, Jimmy Olsen. Percebe como é raro encontrar um cara legal hoje em dia? Você não tentaria me ajudar, se pudesse? (**Glória vai saindo para o fundo do palco à esquerda.**)

**Jimmy** – Ei... (**Glória para e retorna. Ela e Jimmy se dirigem à frente do palco, olhando para o vazio. A mesma música “Jura Secreta” retorna, sem atrapalhar o diálogo.**) Do Lago Sul se vê bem, mesmo, o por do sol?

**Glória** – Bem mesmo.

**Jimmy** – Da Cidade Livre também dá pra ver.

**Glória** – Obrigada, Jimmy. Você saca legal. (**Dá-lhe um beijo no rosto. Música aumenta e vai baixando até sumir**)

(**Black-out. Luz. Na casa dos órfãos, o rádio está ligado baixo. Música local. Dalíber e Pepe estão jogando cartas numa mesa com 3 cadeiras. Em cima da mesa, além do baralho está uma jarra com água e alguns copos. Jimmy entra só de toalha e com um copo na mão, pega a jarra, enche o copo e, sem que os dois vejam, toma cinco comprimidos. Sai para os bastidores e retorna com uma lâmina de barbear na mão e com o rosto cheio de espumas. Para na porta. Música abaixa ainda mais.**)

**Jimmy** – Pepe, quando é que tu começou a fazer a barba?

**Pepe** – Com 15.

**Jimmy** – E Dedê?

**Dalíber** – Com 13. Por quê? Tá querendo ficar bonitão para a batalha de hoje?

**Pepe (para Jimmy)** – Você está muito engraçado. A gente devia te mandar para a *Revista Manchete*. Ouvi dizer que eles dão uma grana quente por lances engraçados.

(**Música continua. Entra Boca Rica, aumenta o rádio, e vai sentando-se à mesa de jogo. Jimmy retorna, ainda de toalha, limpando o rosto com uma toalha. Música diminui.**)

**Jimmy** – Você se amarra em brigas, né, Pepsi-Cola?

**Pepe** – Me amarro, claro. Me ligo em brigas.

**Jimmy** – E por quê?

**Pepe** – Sei lá. É ação. É um lance de competição. Como um racha, um baile, um lance desses.

**Boca Rica** – Puta, quero afundar a cabeça daqueles sulistas. Quando entro numa briga, fico com vontade de acabar com o outro cara. Eu também curto.

**Jimmy** – Por que você se liga em brigas, Dalíber Dackson Dedê? (**Dalíber joga as cartas na mesa e fica em pé na porta, fazendo pose.**)

**Pepe (embaralhando as cartas)** – O negócio deles é exhibir os músculos.

**Dalíber** – Vou exhibir os músculos pra você, carinha, se não der um tempo. (**Para Jimmy**). Não sei se você devia ir a essa batalha, Jimmy Olsen Silva.

**Jimmy** – Por quê? Sempre me dei bem antes, é ou não é?

**Dalíber** – É. Briga bem paca pra um garoto da sua idade. Só que das outras vezes estava em forma. Você emagreceu muito naquela igreja e não está com um aspecto muito bom, cara. Está muito tenso.

**Pepe** – Que droga! (**Tenta tirar um ás de dentro do sapato.**) Todo mundo fica tenso antes de uma briga. Deixe que lute hoje à noite. Punho nunca machucou ninguém: se não há armas, não há perigo.

**Jimmy** – Vou ficar legal. Pego um pequeno, falou?

**Dalíber** – Bom... Naldinho não vai entrar, dessa vez, mas tem também que o irmão do Paraíba não vai entrar, nem Cabelo, e vamos precisar de todos que estiverem por aí.

**Jimmy** – Que aconteceu com o irmão do Paraíba?

**Boca Rica** – Tá na geladeira (**dando um chute no ás que estava no sapato do Pepe**). No reformatório.

**Jimmy** – Me deixa lutar, Dedê. Se fosse com faca, corrente, um lance assim, aí seria diferente. Ninguém fica muito machucado quando é no mano a mano.

**Dalíber** – Bom, tá limpo. Você pode ir, mas tenha cuidado. Se ficar num aperto, grite, que tiro você da fria.

**Jimmy** – Vou ficar legal. Por que você nunca se preocupa assim com Pepe? Não fica dizendo esses lances pra ele. (**Sai para se vestir, para os bastidores.**)

**Dalíber (para fora)** – Cara, este aqui é um irmão mais moço que não me dá dor de cabeça.

**Pepe (dando um soco afetuoso em Dalíber)** – Esse carinha sabe usar a cabeça.

**Dalíber (com ironia)** – Dá pra se ligar que ele usa a cabeça pra uma coisa: pra deixar crescer cabelo.

(**Chega Bacana.**)

**Bacana (bebendo uma lata de cerveja e com outra na outra mão)**– Bora, cambada da Cidade Livre!

(**Luz da casa se apaga. Música. Luz no centro do palco. Em algazarra, os cinco personagens da última cena dão saltos e cambalhotas, inclusive à frente da plateia.**)

**Bacana** – Valeu, livres, estou vendo que estamos em ótimas condições para uma batalha. Todo mundo feliz?

**Pepe** – Estamos! (**Bate no peito e grita como índio. Dá um salto mortal.**)

**Jimmy** – Hippy! Hurra! (**Dá um salto mortal.**)

**Pepe (gritando)** – Sou um livre, sou delinquente juvenil, sou malandro. Sou uma mancha na honra de nossa capital do Brasil. Bato nas pessoas. Assalto posto de gasolina. Sou uma ameaça pra sociedade. Cara, como me divirto!

**Boca Rica** – Livre... livre... livre... (**faz pantomimas**) Ó vítima da sociedade, desprotegido da sorte, marginal fedido, escória!

**Dalíber** – Delinquente juvenil, você não presta!

**Bacana (imitando um sulista)** – Chega aqui, candango vagabundo. Sou sulista. Sou a classe privilegiada, bem-vestida. Meu lance é dirigir carrinhos caros, quebrar janelas em festas chiques e importunar mendigos em paradas de ônibus.

**Jimmy (como se estivesse com um microfone em entrevista)** – O que você faz quando quer tirar uma onda?

**Bacana** – Dou pau nos livres. (**Dá uma cambalhota. Todos pulam do palco para a frente da plateia. Câmbio de luz.**)

**Jimmy (ainda em entrevista)** – Ei, Bacana, por que você curte uma pancadaria?

**Bacana** – Porra, todo mundo briga... (**Gargalhada.**)

**Dalíber (abraçando os dois irmãos)** – Ouça, Pepe, você e Jimmy, se pintar cana, caiam fora. O resto de nós pode no máximo ir para a cadeia. Vocês dois podem ser mandados para uma instituição de menores.

**Boca Rica** – Ninguém neste bairro vai chamar a cana. Eles estão ligados no que ia acontecer se chamassem.

**Dalíber** – Não interessa. Vocês dois, sumam ao primeiro sinal de encrenca. (**Gritando.**) Deu pra sacar?

**Pepe (também gritando)** - Pode ter certeza de que você não precisa de amplificador.

(**Black-Out. Luz no centro do palco. Entram pelos bastidores Raimundo Paraíba e Samuca Batista. Jimmy e os demais da cena anterior estão a um canto, ao lado da lanchonete. Todos se cumprimentam com um aperto de mão. Raimundo Paraíba e Jimmy ficam no centro da roda. Alguns estão bebendo, outros fumando. Dalíber ainda não se junta e fica fumando a um canto, à frente do palco.**)

**Raimundo Paraíba (Chama Jimmy à frente do palco. Foco.)** – Você e aquele cabra quietinho de cabelo preto é que apagaram o sulista?

**Jimmy** – É...

**Raimundo Paraíba** – Bom serviço, cara. Meu irmão sempre me disse que você é um cabra decente. Ele vai ter que ficar no reformatório durante os próximos dez meses. Pegaram ele assaltando uma loja de bebidas... aquele bundão, burro, sem noção, otário... (**Volta ao centro do palco.**)

**Samuca Batista (se aproximando de Jimmy)** – Aquele cara grande que está ali com a turma de vocês (**apontando para Dalíber**), você conhece ele bem?

**Jimmy** – Acho que sim: é meu irmão.

**Samuca Batista** – Não brinca! Estou com a impressão de que vão falar pra ele começar a soltar os foguetes por aqui. Ele é um bom socador, mesmo?

**Jimmy** – É. Mas por que ele?

**Samuca Batista** – Por que outra pessoa?

**Raimundo Paraíba (voltando à frente do palco)** – Ei, Silva!

**Pepe (intrometendo-se, sem sair do centro do palco)** – Qual deles?

**Raimundo Paraíba (para Dalíber)** – O grandão. Vem cá, cabra da peste! (**Dalíber vai falar com Raimundo Paraíba. Fazem mímica de um diálogo.**)

**Samuca Batista (chamando Jimmy a um aparte)** – Não te disse que ele impressiona?

(**Black-Out. Música de suspense ainda baixa. Luz vermelha. Todos se enfileiram escalados em perspectiva desde a frente do palco, estreitando-se até o fundo, de modo que a plateia possa ver todos. Estão em cena oito sulistas: Gio, Agá, Galo, Betinho, Valzinho, Leopoldo, Arthur e Mauro. Os livres são sete, no início da luta: Dalíber, Pepe, Jimmy, Bacana, Boca Rica, Paraíba e Samuca Batista. Luz. No diálogo a seguir, todos estão em seus lugares. Os personagens principais deverão estar em posições privilegiadas da vista da plateia.**)

**Gio** – Vamos acertar as regras. Não vale arma, só punho, e o primeiro que correr, perde. Certo?

**Raimundo Paraíba (jogando a lata de cerveja pro lado)** – Você saca legal, cara.

**Dalíber (dando um passo em frente)** – Saio na mão com qualquer um.

**Galo** – Oi, Dalíber Dackson... Você... nessa parada...?

**Dalíber** – Oi, Giordano... É a vida.

**Galo** – Eu te enfrento... (**Começam a se mover em círculo.**)

**Cabelo (chega correndo da plateia)** – Para tudo! Para!

**Jimmy (Sai de seu lugar na fila e vai até Cabelo, perto da lanchonete.)** – Pensei que você estivesse no hospital...

**Cabelo** – Estava. Agora não estou mais.

**Jimmy** – Como?

**Cabelo** – Convenci a enfermeira com o auxílio do canivete do Bacana. Você não sabe que uma batalha não é uma batalha quando eu não estou na briga?

**(Cabelo perfila-se junto aos companheiros. Ouve-se um apito de um sulista. Luz cambia para vermelha. Música aumenta. Cena da luta em câmara lenta, que deve demorar cerca de trinta segundos. Cada livre enfrenta um sulista. Muitos caem. Os atores devem passar tinta vermelha uns nos outros, simbolizando sangue. Destaque para a luta de Jimmy. Sirenes. Os sulistas saem se arrastando e, em seguida, correm.)**

**Bacana** – Eles estão fugindo! Olha aqueles desgraçados... Corram!

**Raimundo Paraíba** – Merda! Merda! Filhos da puta! Acertaram meu nariz. Veados!

**(Quase todos caídos ao chão, se contorcem e gemem. Todos apresentam sinais da luta, com sangue. A luz vai cambiando para normal. Música vai diminuindo até parar.)**

**Dalíber (Fica de pé.)** – Ganhamos! Pegamos os sulistas!

**(Todos saem, alguns tentando se levantar. Ficam apenas Cabelo e Jimmy.)**

**Cabelo** – Vem! Vamos falar com Naldinho. **(Puxa Jimmy.)** Depressa! Quando saí de lá ele estava piorando. Ele quer ver você. **(Ouvem uma sirene.)** Se a polícia parar a gente, faz cara de doente, que vou dizer que estou te levando pro hospital, o que, aliás, é verdade. Vou dizer que caiu da motocicleta... **(Sirene novamente.)** Vamos depressa!

**(Black-out. Luz na sala de espera do hospital.)**

**Enfermeira** – Sinto muito, rapazes, mas ele está morrendo.

**Cabelo (muito nervoso)** – Precisamos vê-lo. Nós vamos vê-lo e, se você criar encrenca, vai acabar na sua própria mesa de operação. **(Mostrando o canivete.)**

**Enfermeira** – Vocês podem vê-lo, mas é porque são amigos dele, não por causa dessa faca.

**(Enfermeira sai. Luz cambia para o quarto do hospital. Naldinho está à morte, entubado. Quase não consegue pronunciar nada.)**

**Cabelo** – Ronaldo Mascote!

**Naldinho** – Oba...

**Cabelo (tentando animá-lo, quase sacudindo-o)** – Vencemos! Vencemos os sulistas! Acabamos com eles. Expulsamos do nosso território.

**Naldinho** – Não adianta... Não é legal brigar...

**Cabelo** – Ainda está saindo notícia no jornal sobre você. Por ser herói e tudo. É... Agora estão dizendo que você é herói, e todos os livres estão sendo transformados em heróis. Estamos todos orgulhosos de você, carinha.

**Naldinho (puxando a mão de Jimmy)** – Jimmy... Fique dourado, Jimmy. Fique dourado... (Morre.)

**Cabelo (agarrando Jimmy)** – Meu amigo, não! Não morra... Meu Deus! (Música “*Jura Secreta*” em nível baixo.)

**Cabelo (ajeitando o cabelo de Naldinho morto)** – Nunca conseguiu botar esse cabelo pra trás.... É isso que você arranja, querendo dar uma força pras pessoas, seu indiozinho, é isso que você arranja...? (Dá um soco na própria maca.) Merda, Naldinho! Não morra, por favor, não morra...

(Cabelo sai correndo para a plateia. Música aumenta um pouco. Foco fecha em Jimmy, que se joga de joelhos ao chão. Chora e delira, com rosto ainda ensanguentado.)

**Jimmy** – Ronaldo Mascote dançou... Não... Não ele não morreu... Esse corpo não é de Naldinho. Ele está em algum outro lugar... Talvez dormindo no terreno baldio, talvez jogando totó no boteco, quem sabe sentado nos degraus de trás da igreja em Águas Emendadas. Estou lendo o final de *Vidas Secas* para ele... No caminho de casa, eu vou passar pelo terreno baldio e vou encontrar meu amigo na beira da calçada. A gente vai ficar ali deitado um tempão... Naldinho não morreu...

(Black-out. Música aumenta e vai diminuindo até sumir. Luz na casa dos órfãos. Estão Boca Rica, sem camisa, com um curativo do lado do peito; Pepe com um corte grande no lábio e um machucado na cara; Dalíber com um curativo na testa e um olho roxo; Bacana com um dos lados do rosto coberto com esparadrapo e a mão enfaixada. Todos sentados ou no chão ou nas cadeiras. Entra Jimmy ainda ensanguentado. Luz.)

**Dalíber** – Onde você estava?... Jimmy, qual é o problema?

**Jimmy** – Naldinho morreu. Contamos pra ele que a gente tinha acabado com os sulistas, depois, sei lá... ele só morreu. Me disse pra ficar dourado... Que será que estava querendo dizer com isso? Cabelo saiu fora. Saiu correndo feito um louco. Vai estourar. Não consegui aceitar o lance. Naldinho era a única coisa que Cabelo amava. E agora não tem mais ele...

**Dalíber** – Jimmy, você está com ar de doente. Senta.

**Jimmy** – Estou legal. Não quero sentar.

(O telefone toca. Dalíber atende.)

**Dalíber** – Alô... Sim... Sei... Sei... (Desliga). É Cabelo, de uma cabine telefônica. Acabou de assaltar um mercado e a polícia está atrás dele. Vamos ter que esconder o mano. Dentro de um minuto ele pinta no terreno baldio.

(Black-out. Os três irmãos rapidamente dão à volta pelos bastidores e se posicionam do outro lado, perto da lanchonete. Foco apenas em Cabelo que está de joelhos no centro do palco, levantando um revólver e rindo como um louco. Música de suspense.

**Voz em off** – Larga essa arma! (Cabelo continua a rir. Abre os braços.) Jogue a arma no chão!

**Jimmy, Dalíber e Pepe (aos gritos, encostados na lanchonete)** – Não atirem! A arma não está carregada. Não atirem! É mentira dele... A arma não está carregada... Não...

**(Cabelo ri ainda mais alto. Som de rajada de balas. Luz cambia para vermelho. Ele cai pra trás, morto. Entram os irmãos e se ajoelham ao redor de Cabelo. Música de suspense termina. Outra música, baixa.)**

**Jimmy (rosto para cima, como em oração)** – Por favor... não ele... não ele e Naldinho, os dois... **(Para Cabelo.)** Era isso que você queria, não é Cabelo? Você sempre consegue o que quer... Morrem meus melhores amigos: um herói, outro bandido... **(chorando)** Cabelo, ninguém vai fazer nenhuma reportagem falando bem de você... Um delinquente juvenil morto. Não vão fazer nenhuma reportagem para te defender. Cabelo, você não morreu herói. Morreu bandido, jovem e desesperado, bem como todos nós sabemos que vamos morrer um dia. Mas, você tem razão. Pelo menos morreu com dignidade. **(Chora alto.)**

**(Aparece Boca Rica dos bastidores e se joga ao chão em prantos.)**

**Pepe (consolando Boca Rica)** – Calma, chapa, calma... A gente não pode fazer mais nada agora...

**(Sirene novamente. Música termina. Black-out. Luz na casa dos órfãos. Jimmy, que estava cochilando, desperta assustado. Pepe está sentado no chão.)**

**Jimmy** – Pepe, tem alguém doente?

**Pepe** – Tem. Agora dorme de novo, mano.

**Jimmy** – Sou eu que estou doente?

**Pepe** – É. Você está doente. Agora dá um tempo.

**Jimmy** – Dalíber está mordido porque estou doente?

**Pepe** – Está, está chateado porque você está doente. Agora, faz favor de calar a boca, falou. Dorme...

**(Black-out. Pepe sai de cena. Luz. Jimmy acorda, já com a cabeça enfaixada, meio tonto. Dalíber está sentado ao seu lado, dormindo, com olheiras. Na mesa, o livro *Vidas Secas*.)**

**Jimmy** – Ei, Daliber. Ei, Dedê, acorda.

**Dalíber** – Jimmy, como você está?

**Jimmy** – Estou legal, acho.

**Dalíber (levantando e passando a mão na cabeça de Jimmy)** – Puta, cara, você nos deu um susto horrível.

**Jimmy** – Que aconteceu comigo?

**Dalíber** – Eu disse que você não estava em condições de brigar. Exaustão, choque, um começo de concussão cerebral. Depois pintou Bacana com uma história de que você estava com um febrão fodido antes da batalha, que a culpa era dele porque você tinha ficado ruim. Ele estava supermal naquela noite.

**Jimmy** – Todos nós... Onde fiquei com concussão? Quanto tempo faz que estou dormindo?

**Dalíber** – Você ficou com concussão por causa de uma bicuda que tomou na cabeça. Pepe viu. Hoje é terça-feira, você está dormindo e delirando desde sábado à noite. Não se lembra?

**Jimmy** – Não... Dedê, nunca mais vou conseguir recuperar a matéria na escola, com tantas faltas. Além disso, tenho que me apresentar no juizado, depor sobre a morte de Bob. E agora, como Cabelo... Dedê, você acha que vão querer nos separar? Que vão me botar numa instituição, ou algo assim?

**Dalíber** – Não sei, garoto. Não sei.... Você não lembra nem de ter ido para o hospital?

**Jimmy** – Não lembro de nada.

**Dalíber** – Você ficava chamando Pepe e eu. Às vezes a mamãe e o papai também. Mas, em geral, você chamava o Pepe.

**Jimmy** – Dedê...

**Dalíber** – Naldinho deixou para você o livro dele... *Vidas Secas*. Disse para a enfermeira que era para dar pra você... **(Jimmy apanha o livro, mas não abre.)**

**Jimmy** – Onde está o Pepe?

**Dalíber** – Dormindo lá dentro, espero. Tive de botá-lo à força na cama, mas apagou no ato.

**(Entra Pepe, sem camisa e com olheiras.)**

**Pepe** – Ei, Jimmy Olsen! **(Parte para um abraço de urso.)**

**Dalíber** – Nada de brincadeira bruta, carinha.

**Pepe** – Puta, mas você ficou doente pacas. Agora você está legal?

**Jimmy** – Estou legal. Só com um pouco de fome.

**Dalíber** – Imagino que você deve estar. Não estava a fim de comer nada enquanto esteve mal. Que acha de um pouco de sopa pronta?

**Jimmy** – Cara, eu acho da hora.

**Dalíber (saindo para os bastidores)** – Vou preparar um pouco. Pepe, cuidado com ele, falou?

**Pepe** – Você está pensando que vou chamar o cara para uma corrida ou algo do estilo?

**Jimmy** – Ah, não... Corrida? Imagino que com isso estou fora das corridas. Nunca mais vou ter condições de competir. E o treinador estava contando comigo.

**Pepe** – Porra, sempre tem essas corridas. Não vai ficar grilado só por causa disso.

**Jimmy** – Pepe, me conta o que eu falei enquanto estava delirando.

**Pepe** – Ôrra, meu... você pensava que estava em Águas Emendadas, na igreja, quase o tempo todo. Aí ficava dizendo que Naldinho não queria matar aquele sulista.

**Jimmy** – Pepe, enquanto eu estava doente, chamei pelo Dedê?

**Pepe** – Chamou, claro. Você chamou por ele e por mim, pelos dois. Às vezes chamava pela mamãe e pelo papai. E por Naldinho.

**Jimmy** – Ah, pensei que talvez não tivesse chamado Dedê. Estava grilado com isso.

**Pepe** – Pois bem, você chamou. Por isso, não se preocupe. Ficamos tanto com você que o médico disse que a gente também ia acabar no hospital se não morgasse um pouco. Mas nem assim dormimos.

**Jimmy** – Você está com jeito de morto de cansaço. Aposto que você não dormiu nem três horas desde sábado à noite.

**Pepe (se aninhando perto de Jimmy)** – Chega pra lá.

**(Pepe liga o rádio. Música local. Dalíber chega com dois pratos de sopa e encontra os dois dormindo.)**

**Dalíber** – Poxa vida... Dormindo de novo?

**(Black-out. Música vai diminuindo. Sala cheia de livros e objetos espalhados. Rafa está perto da casa. Luz.)**

**Dalíber** – Jimmy!

**Jimmy** – O que?

**Dalíber** – Tem um cara aqui querendo te ver. Disse que te conhece. Um tal de Rafael... Você quer falar com ele?

**Jimmy** – Quero. Claro, por que não? **(Dalíber chama Rafa. Em seguida sai para os bastidores.)**

**Rafa (entrando)** – Oi, Jimmy Olsen!

**Jimmy** – Oi, Rafa! Senta aí, se conseguir achar uma cadeira.

**Rafa (empurrando alguns livros)** – Como está se sentindo? Glória me disse que seu nome tinha saído no *Correio Brasiliense*.

**Jimmy** – Estou legal. Com esse nome que tenho, não dá para deixar de reparar nele, em qualquer lugar que pinte, né... Você está a fim de fumar? (**Acende cigarro.**)

**Rafa** – Não obrigado. Hummm... Jimmy, uma das razões porque vim foi para saber se você está legal, mas você, ou melhor, nós temos de ir ao juizado amanhã.

**Jimmy** – É, eu sei. Ei, me avisa se você vir algum dos meus irmãos vindo pra cá. Vão me encher porque estou fumando aqui.

**Rafa** – Meu pai me disse para falar a verdade, que não vai fazer mal a ninguém. Ele está meio chateado com esse lance todo. Quer dizer, meu pai é um cara legal e tudo, melhor que a maioria, e foi um golpe para ele me ver envolvido em tudo isso.

**Jimmy** – Que comentário cretino, cara. Ele acha que você está metido no lance? Você não apagou ninguém, sua cabeça não foi afundada numa batalha de rua, não foi seu amigo que foi assassinado... Além disso, o que você pode perder? Seu coroa é rico, pode te tirar dessa como um passe de mágica...

**Rafa** – Mas estou me sentindo um merda por causa do velho. E fazia muito tempo que não sentia nada. Imagino que seu pessoal também esteja se sentindo supermal com a coisa.

**Jimmy** – Meus pais morreram. Moro aqui só com Dalíber e Pepe, meus irmãos. É isso que está me grilando. Se o juiz decidir que Dalíber não é um bom tutor ou algo assim, é provável que me mandem para alguma instituição por aí. Esse é o pedaço ruim da coisa. Dalíber é um bom guardião. Me faz estudar, sabe por onde e com quem ando todo o tempo. Quer dizer... Às vezes a gente não se entende muito bem, mas ele não deixa eu me meter em rolo, pelo menos não deixava. Meu pai não me dava tanta bronca quanto ele.

**Rafa** – Nem sabia. Escute aqui, Jimmy. Você não fez nada. Era o seu amigo Ronaldo quem estava com o canivete...

**Jimmy** – Era eu. Era eu quem estava com a faca. Eu que apaguei o Bob.

**Rafa** – Eu vi o lance... Você estava quase se afogando. Era aquele garoto de cabelo preto que estava com a faca. Bob o provocou a fazer aquilo. Eu vi.

**Jimmy (fora de si)** – Fui eu que matei. Estava com um canivete e com medo de que me batessem.

**Rafa** – Não, cara, foi seu amigo, aquele que morreu no Hospital de Base.

**Jimmy (gritando)** – Naldinho não morreu! Naldinho não morreu!

**Dalíber (aparecendo na porta)** – Ei, Rafael, acho melhor você dar o fora. (**Entra e empurra Rafa para fora.**)

**Rafa** – Claro. A gente se vê, Jimmy.

**Dalíber (quase saindo de cena)** – Nunca fale a ele sobre Naldinho. Ele ainda está superabalado, mental e emocionalmente. O médico disse que a gente tem de dar um tempo para ele se recuperar. (**Rafa sai pela plateia.**)

**Dalíber (voltando)** – Jimmy Olsen Silva, apague esse cigarro!

**Jimmy** – Tá bom. Não vou dormir fumando. Se você me obriga a ficar deitado aqui, onde mais vou fumar?

**Dalíber** – Você não vai morrer se ficar sem fumar. Mas se esse lugar pega fogo, você morre. Não ia conseguir chegar até a porta, no meio dessa zoeira. Talvez você possa ser um pouco menos bagunceiro, hein, meu chapinha?

**Jimmy** – Vou tomar mais cuidado.

**(Black-out. No fundo do palco, a tv exhibe o noticiário, com o mesmo apresentador do telejornal.)**

*“Hoje, houve a audiência sobre o assassinato de Roberto Batista de Melo, o Bob (foto). Os três irmãos Silva (foto dos três juntos) foram interrogados juntamente com o amigo íntimo da vítima, Rafael Monteiro de Barros (foto); a namorada dele, Glória Pamplona Matarazzo (foto), os pais dela e mais dois rapazes do Núcleo Bandeirante, além de um médico e de uma enfermeira. Todos foram unânimes em afirmar que o assassino foi Ronaldo Gomes de Souza, o Naldinho, que faleceu há alguns dias. A namorada de Bob revelou ao juiz que o falecido estava embriagado e que tentou afogar um dos principais sus-*

*-peitos, o Jimmy Olsen Silva (Outra foto de Jimmy, agora sozinho.) O juiz inquiriu também os irmãos, sobre um rapaz chamado Jose Francisco, vulgo Cabelo (foto), que morreu ao atirar contra uma viatura da polícia. Todos foram liberados e o caso está encerrado.”*

**(Luz. Ninguém está mais com sinais de luta ou machucado. Há um envelope sobre a mesa. Pepe entra da plateia, impaciente.)**

**Pepe** – Ei, o carteiro já passou?

**Jimmy** – Como foi no trabalho?

**Pepe** – Bem.

**Jimmy (percebendo algo)** – Ei, algum grilo?

**Pepe** – ...Não. **(Sai para os bastidores.)**

**(Jimmy liga o rádio. Música local. Dalíber entra, vindo da plateia e começa a fazer mímica de uma discussão com Jimmy, enquanto a canção vai abaiçando, até que começam a falar.)**

**Jimmy (falando um pouco alto)** - ...Mas a composição que o professor pediu, eu ainda não tenho um tema. Não consigo pensar em nada. Quero dar umas voltas pra esfriar a cabeça.

**Dalíber (com um boletim escolar na mão)** – Jimmy Olsen Silva, me respeite!

**Jimmy** – Qual é o problema com meu boletim escolar? Vou ter que arranjar um trabalho assim que sair da escola! Olha só o Pepe. Ele está se virando direitinho e largou a escola. Por que é que você fica se metendo?

**Dalíber** – Você não vai largar a escola. Escute, com a sua inteligência e suas notas, você pode conseguir uma bolsa de estudos, dá até pra entrar na UnB. Mas o problema não é o boletim, a lição de casa. Você está vivendo num vácuo, Jimmy, e vai ter que parar com isso. Naldinho e Cabelo também eram nossos camaradas, mas não dá para parar de viver porque você perde uma pessoa. Achei que já tinha se ligado nisso. Você não abandona a luta! E o dia em que não estiver de acordo com meu jeito de levar as coisas, pode se mandar.

**Jimmy** – Você ia achar o máximo, não é? Você ia curtir se eu me mandasse. **(Pepe volta.)** Só que não é tão simples, né, Pepe?

**Pepe** -... Não... Ah, caras, por que vocês não conseguem...? **(Sai aborrecido para a plateia.)**

**Dalíber (apanhando um envelope sobre a mesa)** – É carta que ele escreveu para Bia. Voltou sem ser aberta... Quando a Bia foi para Salvador... não foi por causa do Pepe, Jimmy. Ele disse que amava a mina, mas acho que ela não o amava tanto quanto ele pensava, porque ela não engravidou dele... Não foi por causa dele.

**Jimmy** – Não precisa explicar.

**Dalíber** – Ele queria casar com ela assim mesmo, mas ela se mandou. Por que ele não te contou? Não pensei que não fosse contar a Boca Rica nem a Bacana, mas pensei que te contava tudo.

**Jimmy** – Talvez ele tenha tentado. Quantas vezes o Pepe começava a me contar algum lance, mas dava um tempo, quando via que eu estava distraído ou com o nariz enfiado num livro? Ele sempre me escutava, não importava o que estivesse fazendo.

**Dalíber** – Ele chorou todas as noites, naquela semana que você fugiu. Poxa... Você e a Bia na mesma semana... **(Largando o envelope)**. Vou atrás dele.

**(Back-out. Luz. Jimmy está lendo “Vidas Secas”. De repente encontra um bilhete dentro. Música baixa.)**

**Jimmy** – Ei, o que é isso? Um bilhete do Naldinho...

**(Abre o bilhete. Durante a “leitura”, Jimmy vai se emocionando, até chorar. Música baixa.)**

**Voz de Naldinho em off (gravação)** – *“Jimmy, pedi a enfermeira que te desse este livro para poder acabar de ler. O doutor esteve aqui ainda agora, mas de todo jeito eu já sabia. Olha, não ligo de morrer agora. Valeu a pena. Valeu a pena salvar aquelas crianças. A vida delas vale mais que a minha; elas têm mais lances pelos quais viver. Eu sei que valeu a pena. Diga ao Cabelo que valeu a pena. Só que vou sentir falta de vocês, caras. Andei pensando nisso e naquele poema. Aquele cara queria dizer que você é dourado quando é criança, como verde. Quando você é criança é tudo novo, é aurora. É só quando você se acostuma com tudo que vira dia. Como o jeito que você se amarra em por do sol, Jimmy. Isso é dourado. Fique assim, é um jeito legal de ser. Quero que você diga ao Cabelo para olhar o por do sol. Provavelmente ele vai pensar que você pirou, mas, peça a ele por mim. Acho que nunca na vida se ligou num por do sol. E não fique tão grilado por ser um livre. Você ainda tem muito tempo para ser o que achar melhor. O mundo ainda está cheio de coisas boas. Diga isso ao Cabelo. Acho que ele não sabe. Seu amigo, Ronaldo.”*

**Jimmy (limpa os olhos, pega o telefone e disca)** – Professor, aqui é o Jimmy Olsen. Aquela redação... isso, a composição... é para ter quantas folhas?... Cinco folhas... Só? Pode ser maior?... Obrigado.

**(Vai até a mesa, pega um caderno e um lápis. Pousa o bico do lápis no papel. Olha pra cima e, em vez de escrever, vai falando com uma reflexão, olhando a esmo.)**

*“Era uma vez três irmãos, e grandes amigos... e Naldinho... e Cabelo e outros mais. Centenas de garotos vivendo nas áreas mais pobres da nova capital do Brasil.*

**(Abandona a mesa, caderno e lápis e vai ao centro do palco. Câmbio de luz. Foco só no rosto de Jimmy.)**

*“Garotos de olhos pretos que se assustam com as próprias sombras. Centenas de garotos que, talvez, olhassem pores do sol e estrelas e quisessem coisas melhores. Garotos maus e durões que odiavam o mundo, e agora era tarde demais para dizer a eles que ainda havia coisas boas por aí. Alguém devia ajudar, dizer a eles que era tarde demais. Alguém devia contar o lado deles na história. Talvez, assim, as pessoas compreendessem melhor aqueles garotos e não julgassem tão rapidamente um cara pela roupa que usa, pela cor de sua pele, por sua origem. Nossos pais vieram para o coração do Brasil, para construir um sonho, uma sociedade mais justa, moderna: um país onde haja justiça e liberdade, muitas escolas, ensino de qualidade e onde os filhinhos de papai nunca venham a queimar índios em paradas de ônibus e parem de humilhar os que vivem à margem da vida. Essas vidas sem rumo...”*

**(O foco no rosto de Jimmy vai apagando em resistência. Entra o trecho final da canção “Céu de Brasília” de Toninho Horta e Fernando Brandt:)**

*...Nada existe como o azul sem manchas do céu do Planalto Central, e o horizonte imenso aberto sugerindo mil direções...*

**Fim**